

UFU - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INHS – INSTITUTO DE HISTÓRIA

**BELLE ÉPOQUE, ESCRITORES, JORNALISMO E MERCADO EDITORIAL
BRASILEIRO: MUDANÇAS TECNOLÓGICAS, POLÍTICAS E URBANAS.**
1880 – 1920

LORRAINE DA SILVA DIONÍSIO
2019

UFU – UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INHS – INSTITUTO DE HISTÓRIA

**BELLE ÉPOQUE, ESCRITORES, JORNALISMO E MERCADO EDITORIAL
BRASILEIRO: MUDANÇAS TECNOLÓGICAS, POLÍTICAS E URBANAS.
1880 – 1920**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência obrigatória para a obtenção do título de bacharel em História pela aluna Lorraine da Silva Dionisio.

Orientador: Prof. Dr. Newton Dângelo.

UBERLÂNDIA
2019

Dionisio, Lorraine da Silva, 1995

Belle Époque, Escritores, Jornalismo e Mercado Editorial Brasileiro: Mudanças Tecnológicas, Políticas e Urbanas. 1880 – 1920. / Lorraine da Silva Dionisio – Uberlândia, 2019.

Orientador: Newton Dângelo.

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

1. Modernismo.
2. Imprensa.
3. Modernização.

Lorraine da Silva Dionisio

Banca Examinadora

Prof. R. Newton Dângelo (Orientador)

Dr. Diogo De Souza Brito

Prof^a Dr^a Ana Flávia Santana

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem a paciência do meu orientador Newton Dângelo, muito obrigada por todos os momentos que eu não soube por qual direção seguir e o senhor, com toda a paciência do mundo me mostrou as opções possíveis.

A minha mãe, Maria Aparecida da Silva, que se dedicou de corpo e alma para que eu pudesse, não apenas começar uma faculdade, mas que me apoiou em cada vontade e sonho, me mostrando que o esforço sim é o que nos mantém em pé. Obrigada mamãe. A senhora é tudo o que eu quero ser quando crescer.

Aos meus pais, Christopher Dale Poniktera e Luís Carlos Dionisio, que infelizmente não viveram o suficiente para me ver neste momento único, mas que estiveram comigo no segundo momento mais importante da minha vida: A minha aprovação para começar este curso.

Aos meus amigos que me ajudaram e apoiaram em cada momento difícil neste curso e durante meus anos de graduação, com cada semestre sendo uma temporada, é difícil contar quem ficou e quem se foi, mas com certeza todos deixaram uma marca única comigo.

RESUMO

Analisando a Belle Époque em seus aspectos culturais, políticos, tecnológicos entre 1890 – 1920, a presente monografia intenciona identificar a mudança de editorial, tipografias, em conjunto com a modernização da cidade e a sua nova influência quanto as pessoas iletradas em relação com a nova narrativa política. Uma construção de um imaginário de República para o iletrado e as perspectivas para o homem de letra, trazendo as novas percepções sobre o tempo, suas produções e a cidade com o modernismo.

Palavra-chave: Belle Époque, modernização, periódico.

LISTA DE IMAGENS

Capítulo III.

Figura 1. Fotografia da Rua do Ouvidor. 1890. Fonte: http://fotografia.ims.com.br/sites/#1527248423762_13

Figura 2. Colagem sobre caricaturas e ilustrações sobre o governo monárquico. Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=2011&Pesq>

Figura 3. Ilustração do Marechal Deodoro da Fonseca. Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_02&PagFis=16528&

Figura 4. Ilustração do Marechal Deodoro da Fonseca. Fonte <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=4127&>

Figura 5. Chamada principal da Revista Ilustrada, março de 1891. Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=4472&>

Figura 6. Ilustração da realização da Constituição de 1891. Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=4472&>

Capítulo IV.

Figura. 7. Capa do Jornal do Brasil de 1 de janeiro de 1892. Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_01&PagFis=13

Figura. 8. Capa do Jornal do Brasil de 6 de janeiro de 1908. Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_02&pasta=ano%20190&

Figura. 9. Capa do Jornal do Brasil, 1 de janeiro de 1920. Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_04&pasta=ano%20192&

Figura 10. Capa do Jornal do Brasil, 24 de novembro de 1921. Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_04&pasta=ano%20192&

Figura 11. Capa da Gazeta de Notícias, 2 de janeiro de 1889. Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%20188&

Figura 12. Capa da Gazeta de Notícias, 1 de janeiro de 1908. Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_04&pasta=ano%20190&

Figura 13. Capa da Gazeta de Notícias 2 de janeiro de 1920. Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_05&pasta=ano%20192&

Figura 14. Capa da Gazeta de Notícias, 8 de janeiro de 1921. Fonte:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_05&pasta=ano%20192&

Figura 15. Capa da Revista Ilustrada, 1 de Janeiro de 1876. Fonte:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=1>

Figura 16. Capa da Revista Ilustrada, 8 de Junho de 1889. Fonte:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=>

Figura 17. Capa da Revista Ilustrada, Rio de Janeiro Junho 1898. Fonte:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=>

Figura 18. Capa da Revista Kosmos, Janeiro 1904. Fonte:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=146420&PagFis=2675>

Figura 19. Capa da Revista Kosmos, Novembro de 1908. Fonte:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=146420&PagFis=2675>

Figura 20. Capa da Revista Kosmos, Fevereiro 1909. Fonte:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=146420&PagFis=2675>

Figura 21. Capa da Revista Careta, 10 de Julho de 1909. Fonte:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=083712&PagFis=1>

Figura 22. Capa da Revista Careta, 10 de Junho de 1920. Fonte:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=083712&PagFis=1>

Figura 23. Capa da Revista Careta, 1 de Julho de 1922. Fonte:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=083712&PagFis=1>

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	1
II. A BELLE EPOQUE CARIOCA E A CULTURA DAS LETRAS.....	4
2.1. O MOVIMENTO LITERÁRIO.....	4
2.2. ROMANTISMO NO COMEÇO DA BELLE ÉPOQUE.....	6
2.3. REALISMO.....	6
2.4. NATURALISMO.....	8
2.5. PARNASIANISMO.....	9
2.6. O SIGNIFICADO DO PRÉ-MODERNISMO.....	11
III. MODERNIZAÇÃO, CIDADE E POLÍTICA.....	16
3.1. A MODERNIZAÇÃO NA ESTRUTURA DA CIDADE.....	16
3.2. A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO AO FIM DA MONARQUIA.....	21
3.3. A CONQUISTA E A VISÃO DA REPÚBLICA.....	27
IV. A MODERNIZAÇÃO E O POVO.....	38
4.1. TEMPO NA PERCEPÇÃO DO HOMEM.....	38
4.2. A MODERNIZAÇÃO NA ESCRITA E NA IMPRENSA.....	41
4.3. MUDANÇA NA CIRCULAÇÃO.....	52
4.4. O PÚBLICO RECEPTOR.....	53
4.5. O COMEÇAR DO “VIVER” DA ESCRITA.....	54
4.6. O DISTANCIAMENTO DA ESCRITA COM A MODERNIZAÇÃO.....	55
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
VI. FONTES.....	62
VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	63

1. INTRODUÇÃO

O cotidiano dos homens e mulheres brasileiros começou a se modificar ao final do século XIX, 1890, não apenas no visual e no ambiente, mas também no social. As ruas estavam começando a ser asfaltadas e deixando de ter espaços para carroças e animais, começavam a ser tomadas pelos carros automatizados, lustres e grandes prédios, além das fabricas.

O modo de viver se modificava em conjunto com o seu novo modo de trabalhar e seu cotidiano. As fábricas tomavam conta e ditavam o horário, e assim o homem comum tinha uma alteração completa de seu cotidiano e da sua influência na sua produção no trabalho. O homem literário também sofreu com as mudanças que ocorriam na cidade, ao contrário do pensamento comum.

Jornais e revistas estavam mudando seu formato de produção drasticamente além de suas periodicidades. Se antes algum destes queriam um formato mais específico, necessitava pedir a impressão no exterior e então ela iria ser distribuída no Brasil, como era o caso da revista Kosmos. Com a mudança industrial era, agora, possível a realização no próprio escritório do periódico, além do mesmo sair em números maiores e com uma frequência mais assídua, fazendo assim ser possível viver da arte de ser escritor com mais eficiência.

A maneira da informação chegar no final do XIX também estava se modificando. Com o telégrafo as notícias eram mais dinâmicas e informantes eram espalhados ao redor do mundo. O Brasil se influenciava de maneira mais constante em suas escritas, com novas máquinas de escrever e de transcrição, com as datas de publicações muito mais próximas com essas modificações grandes em seu cotidiano de escrita, principalmente porque com a mudança agora seria possível viver apenas de literatura, graças a demanda.

As transformações tecnológicas não alteraram apenas a imagem dos jornais e das revistas, mas também, como dito anteriormente, sua participação nestes. As imagens agora não só eram mero enfeite e raras, agora fazendo grande parte dos textos; a caricatura, fotografia e até mesmo charge ajudavam a formar o pensamento e a estrutura do texto, que sempre acompanhavam, e como o número de leitores não crescia conforme o número de lançamentos, a imagem se era muitas vezes mais efetiva, proporcionando assim “o ensaio da comunicação de massa”.¹

¹ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. IMPRENSA A SERVIÇO DO PROGRESSO. In: História da Imprensa no Brasil. Martins, Ana Luza. LUCA, Tania Regina de. Parte II: Tempos Eufóricos da Imprensa Republicana. Editora Contexto. SP. Ed. 2. p.83.

A alfabetização foi um grande foco de investimento para a Nova República e o acompanhamento de imagens nestes periódicos era essencial “A evolução técnica do impresso, o investimento na alfabetização, os incentivos à aquisição e/ou fabricação de papel. ”² a quantidade de jornais e revistas que eram vendidos também era uma forma da República que havia acabado de se formar ter uma noção de quantas pessoas eram letradas, ou que estavam a caminho de se tornarem de fato assim.

O debate entre os homens de letras da época, delimitada entre 1890 e 1923, era assíduo, mas não quanto a questões políticas da época e sim as mudanças do cotidiano que os estavam afetando. A política só aparecia quando o assunto eram as mudanças que ocorriam no ambiente político e social. Bilac faz uma análise que corrobora completamente com as fotografias que o jornal passava “Que não será quando da velha cidade colonial, estupidamente conservada até agora como um pesadelo do passado, apenas restar a lembrança? ”³.

Com o questionamento sobre como se influenciava uma grande maioria iletrada a não apenas acreditar na República como também mudar toda a perspectiva que se tem quanto ao, então, monarca busco entender qual é a participação deste homem de letras, como o moderno o ajudou não apenas a aumentar sua importância no imaginário popular como o trouxe como celebridade.

Assim, busco discutir no primeiro capítulo a Belle Époque e todas as transformações literárias que a mesma trouxe, modificou e até mesmo criou no Brasil, discutindo entre estes movimentos literários com algumas representações de autores para exemplificar o movimento e a sua contribuição para a formação de um ideal político Brasileiro.

No segundo capítulo todo o movimento político que a Belle Époque trouxe em seu discurso por estes autores e sua necessidade de República com a democracia da palavra, em conjunto com a vinda da República por parte dos militares.

No último capítulo apresento as mudanças que essa perspectiva modernista trouxe para o país e como ela alterou não apenas a imagem do Rio de Janeiro, como também o cotidiano e a perspectiva do homem comum e o de letras sobre o moderno⁴ e sobre as atividades cotidianas

² ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. IMPRENSA A SERVIÇO DO PROGRESSO. In: História da Imprensa no Brasil. Martins, Ana Luza. LUCA, Tania Regina de. Parte II: Tempos Eufóricos da Imprensa Republicana. Editora Contexto. SP. Ed. 2. p 84

³ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. IMPRENSA A SERVIÇO DO PROGRESSO. In: História da Imprensa no Brasil. Martins, Ana Luza. LUCA, Tania Regina de. Parte II: Tempos Eufóricos da Imprensa Republicana. Editora Contexto. SP. Ed. 2. p. 93

⁴ Relativo ou pertencente à época histórica em que se vive.

e suas responsabilidades assim como também os modernismos ⁵ que trouxe em jornais em revistas.

⁵ Tendências e gostos ao que se é moderno.

II. A BELLE EPOQUE CARIOCA E A CULTURA DAS LETRAS

2.1 O MOVIMENTO LITERÁRIO

No final do século XIX, por volta de 1880, se tornou comum no imaginário popular de que o antigo era ruim. Se observando como base a Europa, que já havia passado por grandes transformações físicas e estruturais em suas cidades e capitais, começou a se estimular o progresso de todas as formas que se era possível. O Brasil precisava passar por uma modernização e se espelhar nas grandes civilizações, assim o moderno começava a se tornar necessário e também a tomar as grandes capitais do país.

A modernização do espaço público em conjunto com a nova imagem de civilização a ser construída a cada instante no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro.

A tecnologia trouxe a mudança da cidade, a nova perspectiva de futuro e tudo o que poderia proporcionar, trouxe a Belle Époque em seu auge ao país entre o fim de do século XIX e começo do século XX.

“No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um logo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atrazo, do Opprobio. A cidade colonial, immunda, retrógada, emperrada nas suas velhas tradiçções, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiaes que desabavam. Mas o hymno claro das picaretas abafava esse protesto impotente.

Com que alegria cantavam ellas, - as picaretas, regeneradoras! É como as almas dos que ali estavam comprehendidam bem o que ellas diziam, no seu clamor incessante e rythmico, celebrando a victoria da hygiene, do bom gosto e da arte!”⁶

O moderno estava cada vez mais perto e, quase que, indispensável. Proveniente da Europa que estava passando por uma segunda revolução industrial e por um forte êxodo rural, que favoreceu um desenvolvimento urbano que trouxe por consequência avanços nos meios de comunicação e de transporte.

⁶ Hemeroteca Digital: Kosmos – Revista Artistica, Scientifica e Literaria (1904-1909). Março de 1904. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=146420&pasta=ano%20190>>

Expandiu-se a perspectiva altamente positivista⁷ e otimista, com base no desenvolvimento tecnológico, estimulando assim a ciência e todo um novo mundo político, assim como a educação em conjunto com a boêmia. E o Brasil sempre vendo a Europa como um objetivo, principalmente a França, logo se seguiu por este rumo, embora aqui tenha se dado de uma forma diferente, já que na Europa já havia indústrias e o tempo de trabalho estava sendo remanejado, sobrando assim mais tempo para o cidadão, no caso de exemplo francês, ter tempo para o entretenimento. O brasileiro estava começando a entrar e conhecer a indústria e seus malefícios quanto a noção e o valor do tempo.

Considerando que a Belle Époque abrangeu um grande período de tempo no Brasil, 1870 – 1931, sendo tratado neste trabalho de 1880 – 1920, a mesma criou uma grande transformação literária no país. Trazendo para o cotidiano do homem de letra brasileiro a crônica como uma das suas principais atividades, além do trabalho árduo em periódicos como jornalistas.

Os movimentos literários não iam de fato contra a Belle Époque mas a construíam e faziam com que seus autores se identificassem em alguma parte de seu processo ou até mesmo os criassem.

A imagem que, algumas vezes poderia acompanhar e complementar a crônica serve tanto para mostrar o lado mais tecnicista que começava a acompanhar os jornais como também para mostrar a nova aflição do homem de letra quanto ao tempo e a sua nova construção.

A crônica é a primeira parte de contato e idealização. É por ela que os homens de letra vão tentar alavancar o dito progresso e é por ela que vão difundir o pensamento do moderno. É por ela que, também, vão falar da necessidade da República e toda a sua construção ideológica.

A crônica faz o leitor ter no presente a perspectiva de um futuro ao mesmo tempo e quando se vem as novas tipografias e se incrementa fotografias, charges, caricaturas ao seu lado.

A crônica passa a informar os ares de mudança no Brasil.

Vários autores a utilizam de uma forma diferente, como por exemplo Bilac, que tenta ser efetivo sobre seus pensares e sobre o que tem que ocorrer. Já Machado de Assis tenta trazer ao leitor uma perspectiva distante para que o mesmo forme uma ideia crítica sobre o assunto e assim ter seu próprio pensar. Euclides da Cunha e Lima Barreto tentam repensar o que está acontecendo com este novo mundo moderno, sua política e sua população.

⁷ Ideia de que o conhecimento científico devia ser reconhecido como o único conhecimento verdadeiro.

2.2 ROMANTISMO NO COMEÇO DA BELLE ÉPOQUE

Pela delimitação de tempo, utilizada neste trabalho, da Belle Époque (1880 – 1920), a sua literatura, está somente proposta a segunda parte do movimento literário dito como Romantismo, onde o mesmo nas publicações de folhetins, jornais e revistas começavam a escolher este tipo de literatura para mulheres e para jovens estudantes.

Tratando das prosas que iriam se tornar a base da crônica devido ao seu estilo de escrita, eram publicadas em folhetins sendo o primeiro meio literário da Belle Époque, foi por ele que a ideia de República e o sentimento de democracia foi espalhado pelo país. Passando por vários lugares e perspectivas, o romance em prosa foi o que chamou a atenção a primeiro momento, trazendo conteúdos de assuntos variados, de um romance indianista a um romance urbano. De algo nacionalista a um rigor literário. Busca-se quase sempre a mesma coisa: A valorização do nacional por todas as perspectivas que se é possível desenvolver.

Estas configurações literárias e o seu contexto de produções começam a ser transformadas ao final do XIX e no começo do XX, quando o romantismo passa a ser transformado e dele surgir outros movimentos literários que vão ajudar, estes literatos, a ter uma perspectiva sobre a realidade, uma vez que os homens de letra tentam, ao final, transformar a literatura como uma missão de educar, trazer o progresso e uma mudança política. Uma nova literatura surgia da que se era visualizada para educar as mulheres e uma nova estrutura para os jovens.

2.3 REALISMO

O Realismo trazia uma ideia de positivismo, muito marcada também pelos militares. Torna o homem uma criatura formada nele mesmo com seus próprios conhecimentos, onde a realidade e os fatos apresentados são o suficiente para se obter a crítica sobre o assunto. De uma linguagem direta e objetiva muitas vezes utilizada para o cenário político.

O Realismo era um destes movimentos literários que surgiram do romantismo e é muito representado por Machado de Assis que além de escrever sobre temas nacionalistas, também tinha o foco de escrever para o homem comum, fortalecendo assim muito da sua narrativa.

Semelhante a fotografia, nele ao contrario de palavras não existe mentira⁸, pois o realismo tende a trazer e a discutir o que se está marginalizado, discutindo a pobreza e a exploração, é um movimento literário que vem em completo contraponto ao romantismo e é de fácil demonstração pelos textos de Machado de Assis na Gazeta de Notícias, principalmente na série “Bons dias!”.⁹

Machado busca, na série narrada por Policarpo, ser um narrador indiferente, que se busca não tomar partido de causa alguma nem trazer uma opinião clara sob o assunto, mas sim fazer o leitor construir uma opinião sobre o assunto tratado na série e até mesmo repensar seus acontecimentos.

Inserido no começo da modernização no país e sob uma ideologia positivista, os narradores de Machado de Assis têm uma qualidade de objetividade única, acompanhados de uma prepotência, tidos como porta-vozes da verdade, claramente trazendo uma verdade um pouco turva em determinadas perspectivas, devido ao autor já ter uma ideia e perspectiva do que se ocorria, mas sempre deixando bem claro o que ali passa.¹⁰

“E diria então que ser conservador era ser essencialmente liberal, e que no uso da liberdade, no seu desenvolvimento, nas suas mais amplas reformas, estava a melhor conservação. (...)

O mais difícil parece que era a união dos princípios monárquicos e dos princípios republicanos; puro engano. Eu diria: (...) que considerava tão necessária uma como outra, não dependendo tudo senão dos termos; assim podíamos ter na monarquia a república coroada, enquanto que a república podia ser a liberdade no trono, etc., etc.”¹¹

Como um narrador que não tem opinião, pois busca trazer a crítica para que o próprio leitor a julgue, Policarpo frequentemente zomba do momento político do país. Mas em sua

⁸ NUNES, Radamés Vieira. **CRÔNICAS E CRONISTAS NO RITMO DAS MÁQUINAS**. Emblemas: Revista do Departamento de História e Ciências Sociais – UFG. Goiás. V. 9. N. 1. Semestral, 2012. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/emblemas>>

⁹ Hemeroteca Digital. Gazeta de Notícias (1890 – 1909). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader.aspx?-103730_03&PagFis=0>.

¹⁰ SANTANA, João Rodrigo Araújo. **A MODERNIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DE OLAVO BILAC (1890- 1908)**. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

¹¹ Assis, Machado de. *Apud*. SANTANA, João Rodrigo Araújo. **A MODERNIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DE OLAVO BILAC (1890- 1908)**. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

zombaria também trás uma realidade sob a perspectiva, por exemplo a citação acima que são ideais que pouco se distanciam, mas que tem uma grande diferença no nome que carregam.

Personagens como o de Policarpo são um tipo de narrador muito presente em toda a sua literatura, como por exemplo Bentinho em Dom Casmurro ou Brás Cubas de Memórias Póstumas de Brás Cubas.

As crônicas escritas por que Machado escreve são retratos de uma perspectiva da política brasileira, mostrando os conflitos de uma maneira objetiva, mas trazendo um questionamento ao seu leitor, uma forma de dizer as coisas sem de fato jogá-las na cara do leitor e fazendo exercitar o seu pensamento, não apenas sobre a política do país, mas também sobre como o homem vive e o que ele é.

Ao não se posicionar em suas crônicas, trazendo uma escrita de isenção política ele acaba criticando não apenas a nova crônica, mas o que ela deveria representar para o povo. “Ele conserva o caráter crítico-opinativo e documental da crônica, contudo, o faz associado a um alto grau de elaboração literária que camufla a crítica social”.¹²

2.4 NATURALISMO

O Naturalismo é uma conjunção de várias coisas que se discutiam, durante a Belle Époque principalmente em Escolas, sua literatura sendo basicamente formada em tentar explicar que o homem é modificado pelo ambiente ao seu redor e que a natureza influi na razão, sua ideologia é de encontro direto com o darwinismo¹³.

Com o país indo em busca da modernização em todos os seus setores, homens começavam a ver a modificação tanto em grandes metrópoles quanto também no interior, sendo este mais voltado para a produção: As máquinas agrícolas começavam a fazer parte do cotidiano do homem do interior, a mudança visual em estrutura física não era de fácil percepção no interior.

O indivíduo, para o Naturalista, é de um produto de hereditariedade e seu comportamento é fruto da educação e do meio em que se vive, focando assim menos nas classes sociais altas, e mais nos indivíduos marginalizados e no seu comportamento ou estranhamento com o moderno que estava surgindo, ou até mesmo com o novo ritmo que a metrópole estava tomando, e em menor proporção no o interior.

¹² SANTANA, João Rodrigo Araújo. **A MODERNIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DE OLAVO BILAC (1890- 1908)**. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

¹³ Teoria evolucionista.

O Naturalismo, carregado de todas as perspectivas do realismo, leva ao máximo suas ideologias positivistas e darwinistas, com um discurso de fazer o indivíduo ter uma percepção sobre si mesmo somente por meio do conhecimento das letras e das técnicas científicas. Buscando assim incentivar o conhecimento e a crítica social do ambiente por meio de sua literatura, trazendo o tempo todo ao questionamento ao leitor.

2.5 PARNASIANISMO

O parnasianismo é uma versão do realismo em forma de poesia, em suas ideologias e configurações participam da mesma estrutura, só sendo produzida em uma estrutura diferente.

Representado principalmente por Olavo Bilac, o parnasianismo, assim como o realismo e o naturalismo, tem em suas bases a necessidade de ser objetivo e positivista. Assim podemos ter uma perspectiva sobre as escritas de Olavo Bilac e também suas preocupações ao longo do tecnicismo sobre como seria para o homem de letra viver neste novo Brasil onde produzir tinha se tornado algo frenético.

O parnasianismo foca muito na forma da rima e de sua produção, a arte pela arte, a necessidade de ser descritivo, utilizando até mesmo figuras de linguagem, usando sempre palavras que pudessem ao máximo trazer riqueza as rimas.

Compreende que os objetivos pessoais de um autor, mesmo dentro de um tipo literário, interferem muito na maneira do mesmo escrever e para quem escrever. Mesmo que o parnasianismo seja uma versão em poemas do realismo, Olavo Bilac, ao contrário de Machado de Assis, queria já trazer pronto ao leitor uma ideia do que se esperar e desejar para o futuro, pois para Bilac a literatura era uma forma de trazer o homem a consciência e assim o mesmo poderia de fato ver e fazer o que era melhor para si e para o futuro do país.

Para Bilac, a instrução era essencial para a construção de um futuro de progresso social para o Brasil, progresso que era positivista e tecnicista. Sua visão vinha de um ideal Europeu e seu espelhamento para a construção do ideal de nação também.

Bilac publica na Gazeta de Notícias em 1905, quando a República já é instaurada falando da necessidade de se estimular a instrução a grandes massas:

“Que o leitor saiba escolher com independência e critério o seu candidato, ou que prefira dar ou vender um voto a um incapaz, - pouco importa! O que importa é que todo homem válido, sabendo ler

e escrever, queira deste modo afirmar a sua vontade de ser eleitor, de ser alguém”¹⁴

Para a República se manter, para o Brasil ser de fato um país “revolucionário” se era necessário que o homem conhecesse o valor da República e da democracia em todos os âmbitos, e só através do letramento ele, o homem iletrado, iria conhecer a importância e iria se reconhecer em meio aquela sociedade que estava se formando.

A aceitação da República para estes homens de letra só seria completa se as classes mais baixas a aceitassem e utilizassem do advento de novas tecnologias para a sua construção por meio de jornais, crônicas e folhetins. Assim além de utilizarem imagens também, havia um estímulo por meio das imagens a incentivar o leigo a buscar instrução.

A República também só seria alcançada seu auge, como na França, se ela também investisse na educação e no letramento dos homens:

“Não sei se o regime republicano pode florescer e frutificar bem, num país que conta no seu seio mais de dez milhões de analfabetos... O melhor meio de honrar o regime e honrar quem o fundou, é associar a memória do fundador à obra santa da instrução primária. Cada criança, das que daquela casa continuarem a sair sabendo ler e escrever, será mais uma criatura livre, capaz de defender, transformar esta República, - que, desgraçadamente, ainda parece pensar que pode merecer o nome de homem um animal incapaz de decifrar os caracteres do alfabeto...”¹⁵

Deixando sempre bem claro seus pensamentos e ideologias e utilizando deles para construir um ideal republicano em conjunto, Olavo Bilac foi, além de um dos maiores entusiastas da República, um crítico do modernismo que começava a circular em seu ramo de trabalho.

Olavo Bilac buscava também por meio de suas palavras em crônicas e poemas levar a instrução para, assim, o país se desenvolver de fato e poder ser comparado as grandes nações.

¹⁴ BILAC, Olavo. *Apud.* Montilha, Thiago Roza Ialdo. **OLAVO BILAC E A QUESTÃO DA INSTRUÇÃO NO BRASIL (1897 – 1908)**. Revista Intellèctus. Ano XIV. Nº 1. Rio de Janeiro, 2015.

¹⁵ BILAC, Olavo. *Apud.*: Montilha, Thiago Roza Ialdo. **OLAVO BILAC E A QUESTÃO DA INSTRUÇÃO NO BRASIL (1897 – 1908)**. Revista Intellèctus. Ano XIV. Nº 1. Rio de Janeiro, 2015.

2.6 O SIGNIFICADO DO PRÉ-MODERNISMO

Como muito discutido na nova literatura o pré-moderno não se trata diretamente de um movimento literário, mas de uma transição. O pré-modernismo pode ser encaixado em todos os autores que neste trabalho é discutido, principalmente focando em Lima Barreto, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato.

Suas principais características, antes do triunfo do moderno, estão na afirmação da linguagem informal, produção literária, crônicas, poemas, etc. produção no geral pois sua maior preocupação era chamar a atenção do público comum.

Buscando ter em foco o que acontece no Brasil, o jornal e a revista seriam como lugares de informes para o que se ocorria no país: os problemas sociais eram amplamente discutidos. Conflitos, miséria, a condição da vida em si destas pessoas, então, marginalizadas e como uma maneira de chamar a atenção para elas em todos os aspectos possíveis (sociais e políticos) para assim ter como uma forma de mudar ou até mesmo de fazer o moderno chegar até eles.

A descrição do ambiente também era importante para a formalização e demonstrar o que de fato está se passando, com as novas tipografias as fotografias, charges, desenhos e caricaturas muitas vezes vindo em conjunto com o escrito para demonstrar ou reforçar a imagem do que era discutido e narrado.

Mas o Brasil República não se formou exatamente da maneira que os homens de letra haviam idealizado ao longo de sua formação. Conflitos sociais, reprovações e contestações de algumas novas leis, tudo isso fazia o homem de letras se questionar em sua escrita o que estava sendo vivido ou consideravam mudar como missão:

““Daí caracterizar os seus textos “essa concepção de um mundo brumoso, quase mergulhado nas trevas, sendo unicamente perceptível o sofrimento, a dor, a miséria e a tristeza a envolver tudo, tristeza que nada pode espantar ou reduzir.” Há nos seus livros um roteiro de busca, não só da solidariedade perdida, mas de uma nova que o futuro prometia.”¹⁶

¹⁶ SEVCENKO, Nicolau. *In: Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. Ed. Companhia das Letras: São Paulo. 2ª Ed. 2003. p. 144.

Fazer o homem compreender o outro poderia trazer ao Brasil aquilo o que a República estava, de certa forma, ignorando. A consciência do homem sobre o outro homem poderia sim, fazer o país um lugar melhor, tanto ideologicamente quanto socialmente.

A República de alguma forma parecia ter causado uma degeneração cultural, sobretudo no jornalismo, com a velocidade de circulação da escrita, e com isso buscando questionamentos por meio do público iletrado, então marginalizado.

Estes autores buscavam então ao máximo para fazer com que as suas histórias fossem fies e retratando o que de fato ocorria, distinguindo-se assim em duas possíveis vertentes: uma de renovação e a de resistência ao que ali estava proposto.

Euclides da Cunha era um destes autores que não só retratou o homem marginalizado como utilizou das áreas marginalizadas como cenário de seus romances, explorando momentos reais como a Guerra de Canudos, quando o mesmo escreve *Os Sertões*.

Euclides também passou por uma grande decepção com a República e seus ideais, uma vez que ia contra o que o mesmo aprendeu e vivenciou na Academia Militar e passou por dentro dela, por vários cargos. “duas idades que se opunham pela própria raiz da sua identidade: o século XIX literário, romântico e idealista; e o século XX, científico, naturalista e materialista.”¹⁷

Trouxe críticas a República por meio de suas obras, considerando uma obra que poderia se relacionar com várias coisas: geográficas, históricas. Suas críticas nesta obra trazem questionamentos sobre suas crenças científicas e filosóficas que circularam durante o movimento Republicano.

“É uma seleção natural invertida: a sobrevivência dos menos aptos, a evolução retrógrada dos aleijões, a extinção em toda a linha das belas qualidades de caráter, transmutadas numa incompatibilidade à vida, e a vitória estrepitosa dos fracos sobre os fortes incompreendidos... Imaginai o darwinismo pelo avesso aplicado à história...”¹⁸

Lima Barreto também busca em suas crônicas um personagem que é marginalizado pela modernização, o homem do interior que vai a capital em busca de uma nova vida, que não

¹⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. Ed. Companhia das Letras: São Paulo. 2ª Ed. 2003.

¹⁸ CUNHA, Euclides da. *Apud.*: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. Ed. Companhia das Letras: São Paulo. 2ª Ed. 2003.

entende o que está acontecendo ao seu redor. O homem que não tem onde morar, ou até mesmo que se vê sem perspectiva política sobre tudo o que se está sendo formado diante dele.

“Não sou contra a inovação, mas quero que não rompa de todo com os processos do passado, senão o inovador arrisca-se a não ser compreendido”¹⁹. Toda a sua ideia de modernismo o fez buscar soluções originais para as suas crônicas e as tornarem mais suscetíveis a todas as novas formas de se produzir. Produzindo assim crônicas cheias de ironias e as justificando logo depois: “A ironia vem da dor”.²⁰

E essa dor é constante em seus romances, como forma de mal-estar ou até mesmo como dor pelo o que seus protagonistas vivem, como Isaias que sofre por sua cor, sofre pela situação que é submetido e causa dor ao autor:

“Despertei hoje cheio de um mal-estar que não sei de donde me veio. Nada ocorreu que o determinasse. [...] Penso – não sei por que – que é este meu livro que me está fazendo mal [...]”²¹

“Sentia-me sempre desgostoso por não ter tirado de mim nada grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer. [...] Por que o tinha sido? Um pouco devido aos outros e um pouco devido a mim.

[...]

A nossa humanidade já não sabe ler nos astros os destinos e os acontecimentos.”²²

Em suas obras Lima Barreto deixa claro que a real revolução do Brasil ou até mesmo a formação de uma verdadeira república só seria possível se prestar atenção nesta pessoa marginalizada, olhar mesmo para o próximo um conjunto de leis não faziam de fato um governo ser para todos. Um conjunto de leis para pessoas que viviam sob céus tão diferentes não resolviam seus problemas, potencialmente, poderia aumentá-los.²³

¹⁹ BARRETO, Lima. *Apud.*: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. Ed. Companhia das Letras: São Paulo. 2ª Ed. 2003.

²⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. Ed. Companhia das Letras: São Paulo. 2ª Ed. 2003.

²¹ BARRETO, Lima. *Apud.*: FIQUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros. **O MAL-ESTAR DE ISAÍAS: A CRISE DO ROMANCE EM LIMA BARRETO**. *Pensares em Revista*, São Gonçalo – Rio de Janeiro. Nº 1. Semestral. 2012

²² BARRETO, Lima. *Apud.*: FIQUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros. **O MAL-ESTAR DE ISAÍAS: A CRISE DO ROMANCE EM LIMA BARRETO**. *Pensares em Revista*, São Gonçalo – Rio de Janeiro. Nº 1. Semestral. 2012

²³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. Ed. Companhia das Letras: São Paulo. 2ª Ed. 2003.

Já Monteiro Lobato não era de fato contra a modernização e, muito menos aos benefícios que a mesma poderia trazer em todos os sentidos para a população. O mesmo escreve:

“Oswaldo, Gaspar Viana, Chagas, Neiva, Lutz, Astrogildo, Chaves, Vilela e Belisário Pena fizeram num lustro o que a legião de chernovizantes anteriores não fez num século. Não que não sejam criaturas de exceção, gênios incendiados de fagulhas divinas; mas simplesmente porque, aparelhados com os métodos modernos, trabalharam norteados pelo seguro critério pasteuriano.”²⁴

Monteiro Lobato mesmo apoiando a modernização, divulga em suas obras o interior e o trabalho no mesmo, usando de descrição do meio rural, do homem caipira que trabalha na terra em sua obra, como Jeca Tatu.

Seguindo o que Lima Barreto e Euclides da Cunha já tinham escrito, Monteiro Lobato também rompe com o passado, apresentando inovações sobre regionalismo e também a realidade rural brasileira, expondo a miséria do homem de campo de forma realista.

Monteiro Lobato tentava criar com o seu leitor um sentimento de nacionalismo quanto a terra e ao país, demonstrando assim uma espécie de denúncias contra ao homem rural, a falta de educação, sua marginalização em um contexto geral.

Em seu discurso, o país apenas não se desenvolvia porque o conhecimento não chegava neste homem rural, sendo assim ele se tornava mais suscetível a todo dano possível causando assim o estrago e atraso a nação.

Este homem do campo, retratado por Monteiro Lobato, não conhecia as alegrias de ser um ser político e nem se preocupava com isto: “O fato mais importante de sua vida é sem dúvida votar no governo”²⁵. Diante destas afirmações e o que o país passava é que Monteiro afirmava que faltava civismo neste homem do interior. Trazendo o exemplo para o seu próprio personagem Jeca Tatu.

Jeca, que para o autor é tudo de péssimo que o homem pode ser, é a comprovação disto, uma vez que o mesmo diz que ele cuida de suas doenças por meio de misticismo.

Monteiro Lobato defendia o progresso do país e qualquer benefício que o mesmo trouxesse para a nação, principalmente na saúde do povo.

²⁴ LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. Ed 1ª. São Paulo: Editora Globo, 2010.

²⁵ LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. Ed 1ª. São Paulo: Editora Globo, 2010.

O Modernismo e o Progresso eram tão rápidos e velozes que Lima Barreto mesmo iria criticar que, não se tinha tempo nem ao mesmo para classificar os tipos literários e como eles ocorriam ou quais suas separações.

“Nós não temos mais tempo nem o péssimo critério de fixar rígidos gêneros literários, à moda dos retóricos clássicos com produções do seu tempo e anteriores. Os gêneros que herdamos e que criamos estão a toda hora a se entrelaçar, e se enxertar, para variar e atrair.”²⁶

A literatura e a sua formação andam em conjunto com os ideais que todo o movimento cultural e político da Belle Époque construiu e desenvolveu, com autores participando para o seu desenvolvimento ao longo de sua formação, conseguindo compreender os problemas sociais e políticos além de todos os questionamentos que este moderno trás tanto para o homem comum, quanto para esses escritores e também suas angústias e esperanças.

²⁶ BARRETO, Lima. *Apud.*: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. Ed. Companhia das Letras: São Paulo. 2ª Ed. 2003. p. 194.

III. MODERNIZAÇÃO, CIDADE E POLÍTICA

3.1 A MODERNIZAÇÃO NA ESTRUTURA DA CIDADE

O Brasil ao final do século XIX passava por uma grande reforma urbana, que modernizaria a então capital. A modernização passa em todos os âmbitos possíveis: sanitária, social e econômica. A grande reformulação econômica era a que, a primeiro momento, possibilitaria a restauração econômica e assim possibilitaria de fato a entrada da modernização, afastando as pessoas de baixa renda para as margens e mudaria toda a estrutura da cidade.

O Rio de Janeiro aproveitava de todo o seu novo espaço político e econômico mundial (com cafezais) para a suas modificações, a construção de ferrovias e ampliação das mesmas junto com a maior facilidade para a comunicação com outros estados do país e regiões em conjunto com novos grupos sociais, principalmente, os burgueses se expandindo. O Rio de Janeiro abria espaço cada vez mais para a instalação de indústrias e outros mercados que consomem mãos de obra.

Para se comparar com outras grandes capitais do mundo o Rio de Janeiro precisava também cuidar de sua imagem física. Com a grande migração por todo o país para a cidade que era muito maior do que a cidade suportava, trouxe então um lado negativo para a imagem do Rio com a criação de favelas e com vários moradores de rua. O resto do mundo precisava acreditar que o país era de fato próspero e a imagem que a capital passava era apenas de “desconforto, imundície e promiscuidade”²⁷.

Os homens de letra, novamente, se demonstravam de várias formas contra e a favor dessa nova movimentação para a higienização da cidade do Rio de Janeiro, na seguinte citação de Olavo Bilac (1881 – 1922) podemos ver:

“O Brasil entrou – e já era tempo – em fase de restauração do trabalho. A higiene, a beleza, a arte, o “conforto” já encontraram quem lhes abrisse as portas desta terra (...). O Rio de Janeiro,

²⁷ SEVCENKO, Nicolau. **A INSERÇÃO COMPULSÓRIA DO BRASIL NA BELLE ÉPOQUE**. In: *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. Ed. Companhia das Letras: São Paulo. 2ª Ed. 2003. p. 41.

principalmente, vai passar e já está passando por uma transformação radical. A velha cidade, feia e suja, tem os seus dias contatos.”²⁸

Os cronistas consideravam isso uma regeneração da própria cidade pois afetava tudo que nela coexistia desde os moradores que, os que não tinham renda, subiam os morros e assim se estruturava de fato as favelas do Rio, quanto aos que tinham de fato a renda e modificava as estruturas antes colônias para agora modernas, não aceitando mais a lembrança física da República. De fato tudo se modificava, inclusive as lembranças culturais se chegava a condenar até hábitos ligado a cultura tradicional.

Durante muito tempo o país esteve limitado a escolhas da metrópole, Portugal, sendo assim por muitos anos a imprensa periódica se vê limitada e “sob vigilância e repressão das autoridades”²⁹. A imprensa começou a ser mais dispersa apenas com a chegada da Corte.

As mudanças não eram apenas na ideologia do povo, grandes mudanças eram percebidas nas ruas de maneira estrutural e de hábitos: As fábricas, a Rua do Ouvidor, as modificações do cotidiano começavam ali e toda a mudança política também, quem quisesse saber o que de fato estava ocorrendo iria naquele beco e então descobriria os novos hábitos, gostos, profissões, política, tudo o que o homem moderno achava que precisava.³⁰ O novo cultural do país.

“Por esse beco sujo que resumia a vida nacional transitavam capitalistas, políticos, jornalistas, literatos, damas da sociedade, funcionários públicos, mas também cocottes, moças do subúrbio, moleques vendedores de jornais, comerciantes, caixeiros, empregados, operários e os famosos boêmios.” (MELLO, 2007)³¹

²⁸ Olavo Bilac, **Revista Kosmos**, 1 janeiro de 1904. *Apud*: SEVCENKO, Nicolau. **A INSERÇÃO COMPULSÓRIA DO BRASIL NA BELLE ÉPOQUE**. *In*: Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. Ed. Companhia das Letras: São Paulo. 2ª Ed. 2003. p. 43.

²⁹ MOREL, Marco. **OS PRIMEIROS PASSOS DA PALAVRA IMPRESSA**. *In*: História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo, 2013. p. 23.

³⁰ MELLO, Maria Tereza Chaves. **NO OLHO DA RUA: VALORIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NO RIO DE JANEIRO NA DÉCADA DE 1880**. *In*: A República Consentida: Cultura democrática e científica do final do Império. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 2007. p. 58.

³¹ MELLO, Maria Tereza Chaves. **NO OLHO DA RUA: VALORIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NO RIO DE JANEIRO NA DÉCADA DE 1880**. *In*: A República Consentida: Cultura democrática e científica do final do Império. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 2007. p. 58

Figura 1. Fotografia da Rua do Ouvidor em 1890



Imagem 1: Fotografia de Marc Ferrez. 1890. Publicação é uma co-edição Steid/IMS. Disponível em: <

http://fotografia.ims.com.br/sites/#1527248423762_13>

A diversidade de frequentadores era nítida. A Rua do Ouvidor aumentou a sua visibilidade, não apenas para quem ali existia. Seu dia era completamente fluído contendo a todo o momento em todos os horários movimentação do mais variável grupo possível: No primeiro horário do dia era abastecida pelos alimentos, leiteiros e verdureiros, logo após as donas de casa simples, as oito os funcionários públicos e em seguida os estudantes. As 10 horas a Rua do Ouvidor atingia o seu público máximo: Patrões e capitalistas. O mundo burguês começava a se apossar da Rua.

A Rua do Ouvidor havia se transformado na alma do Rio de Janeiro, sendo alimentada por todos que ali viviam e passavam, de boêmios a donas de casas que queriam gastar o dinheiro de seus maridos capitalistas, de empregados de fábrica após o expediente a artistas de teatro. O que ali acontecia todo o país ficava sabendo, os jornais que ali residiam eram vendidos em todo o país, a Rua do Ouvidor em si era notícia.

A Revista *Illustrada*³², em seu número 434 de 19 de junho de 1896 tem uma crônica sobre a Rua do Ouvidor:

“A Rua do Ouvidor, pois, sem ter os elementos para ser o melhor ponto de reunião da população, á falta de melhor com esse monopólio.

A pouco e pouco, as suas lojas e estabelecimentos, foram-se reformando, com certa elegância, ostentando vistosas vitrines, aonde aparecem as novidades.

(...)

Tudo isso, que se vae vendo de passagem junto ao encontro, a cada passo, de um amigo que nos diz uma bôa palavra, de um conhecido que nos aperta a mão, de outra pessoa a quem presisavamos perguntar qualquer coisa, faz com que a Rua do Ouvidor se imponha, quer queiram, quer não.

(...)

Assim, todos os habitos de elegancia e exhibição estão transtornados.”^{33, 34}

A Rua do Ouvidor crescia conforme o Rio de Janeiro se desenvolvia, como uma simbiose. Jornais clamavam por reformas governamentais, começava a se formar uma intensa e enorme atividade política e cultural, dando assim espaço para a propaganda republicana.

E toda a importância que se dava a Rua do Ouvidor era o fácil acesso que a modernização trouxe. O bonde se tornou comum para ir e voltar da cidade e a rua como uma grande amostra do que o moderno poderia oferecer, acabava se tornando o destino final de muitos, principalmente da família, em busca de compras, diversão ou apenas das fofocas do dia.

³² Revista Abolicionista e Republicana que teve sua origem no Rio de Janeiro, circulada entre 1876 – 1898.

³³ Todas as palavras foram mantidas iguais a do artigo.

³⁴ Hemeroteca Digital: **Revista Illustrada (RJ) 1876 – 1898**. Nº 434. Anno 11. Rio de Janeiro, 19 de Junho de 1886. p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=3093&Pesq=>>

A fácil circulação, fazia os assuntos serem mais fáceis de serem espalhados e também trazia importância a quem os produzia, no caso os homens de letra, ganhando assim a popularidade e também a relevância que eles necessitavam para divulgar as suas ideias, se tornavam fácil celebridades onde, qualquer um que tivesse acesso a um jornal ou revista, queria a atenção, na Rua do Ouvidor, eram verdadeiros astros.

Logo a Rua do Ouvidor era claramente o coração do país onde se entrava, de certa forma leigo ou sem participar de fato da vida tanto do país em questões gerais quanto do próprio Rio de Janeiro, e se saía completamente cheio de informação e de vários caracteres diferentes: de conhecimento político a de literatura, do último pronunciamento do Monarca quanto a próxima cor da estação, de uma pessoa completamente sem vícios a uma que conhecia todos eles pois a rua era isso: A presentadora da vida.

“Todos sentem em sua existência um grande vácuo. É a falta da Rua do Ouvidor”³⁵

Uma vez que se participava de tal cenário que a Rua oferecia com seus cafés, hotéis, livrarias, lojas, teatros e principalmente das pessoas que ali circulavam, já se fazia de certa forma parte de, além de todo um novo mundo, da formação de um novo lugar. A Rua sempre se modificava e modificava a todos, principalmente devido ao grande fluxo de pessoas que se migravam para a cidade, aumentando ainda mais a diversidade cultural.

As grandes lojas de renome, em todos os aspectos, em conjunto com aquela rua apertada, com pouca luz faziam as histórias e as fofocas circularem ali naquele meio que apesar dos pesares era o coração da cidade e dos homens todo este conjunto trazia assim, literalmente, todos os tipos de público para aquele lugar específico do Rio de Janeiro.

Cercada de atividade econômica ela se fluía também, a nova demanda da Europa por matérias primas aproximava o Rio de Janeiro cada vez mais a modernização, o que em conjunto com os pedidos dos jornais pela democracia, se tornou um problema para o Regime Imperial Brasileiro que começava a sofrer pressões de todos os lados possíveis mostrando sua

³⁵ Hemeroteca Digital: **Revista Ilustrada (RJ) 1876 – 1898**. Nº 434. Anno 11. Rio de Janeiro, 19 de Junho de 1886. p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=3093&Pesq=>>

impotência em mais dos diversos assuntos logo se viu incapaz de se adaptar e de responder às exigências do progresso.³⁶

3.2 A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO AO FIM DA MONARQUIA

A construção de todo um imaginário por meio das novas tecnologias que chegavam ao país contribuiu para a queda da monarquia, e para que a República fosse aceita pelo cidadão comum, mesmo que o imperador D. Pedro II tenha tido de fato uma boa imagem, o que circulava sobre ele de fato não era tão positivo assim.

Com um grande número de pessoas que migravam para o Rio de Janeiro em conjunto com as novas divulgações sobre o que acontecia ou deixava de acontecer com a coroa e a sua falta de capacidade contribuíram para essa ideia do governo monárquico não ser o ideal para o país que estava se formando e muito menos para o seu povo.

Uma narrativa estava sendo criada ao longo dos anos, utilizando charges, crônicas, notícias e piadas, e cada vez mais essa narrativa entrava no imaginário do povo e se fazia presente no espaço público, que também, como já citado, estava aumentando.

³⁶ MELLO, Maria Tereza Chaves. **NO OLHO DA RUA: VALORIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NO RIO DE JANEIRO NA DÉCADA DE 1880.** In: A República Consentida: Cultura democrática e científica do final do Império. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 2007. p. 63, 76.

Figura 2. Charges caçoando do Monarca e de suas decisões.

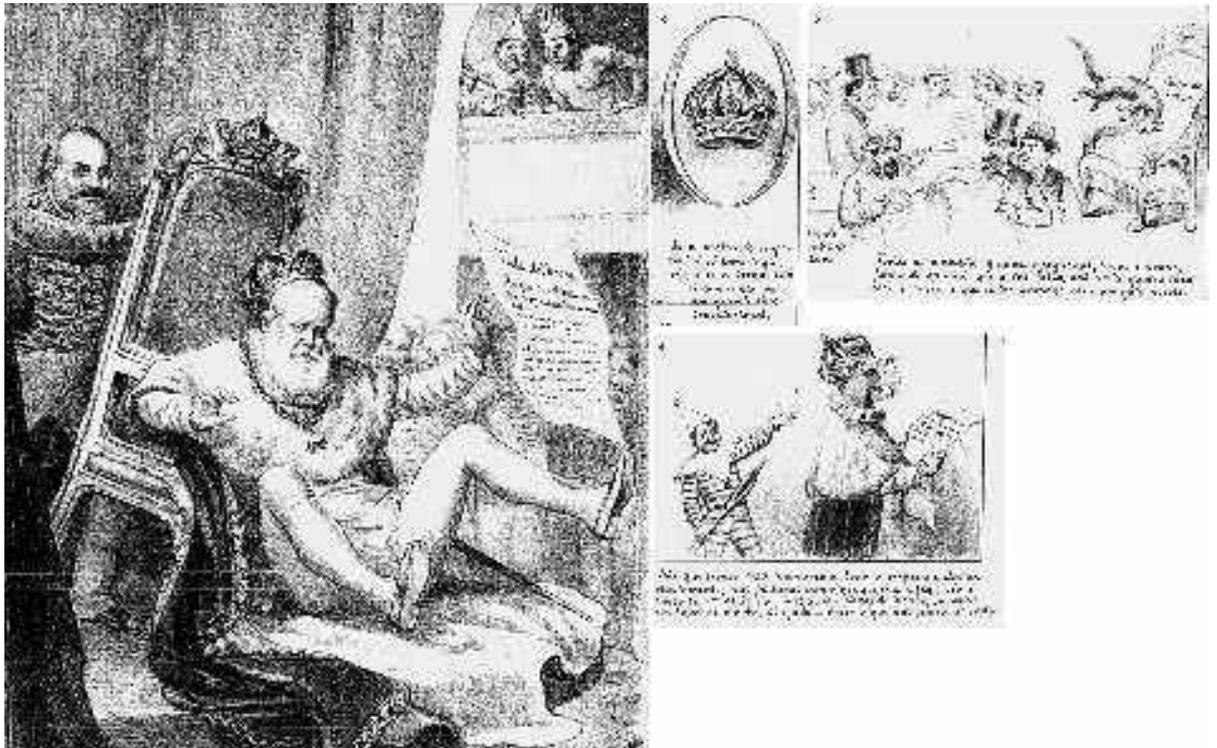


Imagem 2: Colagem. Fonte: Hemeroteca Digital: Revista Ilustrada, Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1882. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=2011&Pesq=>>>

Se criava uma estrutura para se difundir a falha da Monarquia: jornais e escritores se esforçavam para além de ligar a monarquia a algo atrasado, mas para forçar a incompetência a imagem do Imperador - não só por palavras, como já dito, mas como em charges e não só ligado a imagem dele individual, mas em toda sua estrutura governamental e seus apoiadores.

A imagem busca um desenvolvimento de uma falta de capacidade do Império como a rapidez e desenvoltura sobre tudo que estava ocorrendo em conjunto com um pouco da falta de crença do poder das publicações quanto ao povo.

As imagens acima tentam construir exatamente esse sentimento de desaprovação quanto ao Monarca, uma vez que elas não só caçoam de sua aparência, como também de suas escolhas políticas. Como dito anteriormente, as charges serviam para auxiliar a parte do povo analfabeta e a conduzir um determinado tipo de pensamento e crítica ao mesmo, não necessariamente precisando de legenda, mas contendo-as mesmo assim com uma mensagem tão explícita quanto a própria caricatura.

As legendas em ordem são:

2. “As fallas do throno fabricadas pelos nossos governos parecem não ter outro fim senão abalar o próprio throno e colocar a monarchia em tristíssima posição.”
3. “Se a protecção imperial é só para inglês, ver, e se a corôa está circumscripta por um grande zero constitucional”.
4. “Nós, que temos pela monarchia todo o respeito e devido acatamento, não podemos sem rir, (o que é muito feio) ver o nosso Imperial Senhor metido em papos de tucano³⁷, ou antes em papos de aranha, obrigado á dizer o que não pensa etc e tal”
5. “Todos os cidadãos grandes e pequenos, ricos e pobres, foram de opinião que a tal fala, não valia quatro costados³⁸ e merecia que se lhe atirasse com um gato morto.”

Mesmo que a legenda traga em complemento a interpretação da imagem por si só já se explica o suficiente e geralmente são feitas seguindo a ordem das notícias ou do que foi o mais importante retratado no volume daquele lançamento, podendo ser, assim de variados assuntos ou de um principal que no caso desta foi a tristeza das falas de sua Excelência o Imperador sobre a composição da nova câmara em vários aspectos.

Histórias falsas sobre a Monarquia eram espalhadas o tempo todo, e até mesmo as reais eram constantemente aumentadas ou extremamente divulgadas, dando uma importância não tão positiva. A figura imperial de D. Pedro era constantemente caçoada e conseqüentemente perdia sua sacralidade.

Histórias sobre sua carruagem constantemente quebrar e despencar, histórias sobre o monarca ser roubado, e a falta de respeito que o povo tinha com esse roubo, história esta que rendeu até mesmo um “drama satírico-burlesco de Arthur Azevedo”³⁹ e peças de teatro, histórias sobre a vida sexual do monarca dizendo que o mesmo poderia ou era um pedófilo, rendiam páginas inteiras e em vários segmentos, em jornais de grande circulação na época como Gazeta de Notícias e a Revista Illustrada.

O jornalismo da época se esforçava para retirar o respeito do monarca quanto ao povo e demonstrar a falta de capacidade que o mesmo tinha, ou mesmo começava a ter, se havia um esforço para criar um novo sentimento negativo quanto a monarquia, sentimento que a republica iria aliviar e não apenas, mas também melhorar.

³⁷ Expressão muito utilizada que significa estar em situação complicada, difícil, emergencial. Mais conhecida como *pedra de gelo*, logo pode ser encontrada de forma variada.

³⁸ Expressão que significa não valer de onde veio, tanto vale para terra ou para grupo familiar.

³⁹ MELLO, Maria Tereza Chaves. **NO OLHO DA RUA**. In: A República Consentida: Cultura democrática e científica do final do Império. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 2007. p. 47.

Qualquer mínimo erro do monarca, ou algo que pudesse ser considerado como, podia se tornar manchete de jornal e satirizado por charges, como também poderia virar peça de teatro, no seguinte caso na abertura de uma biblioteca a Revista Illustrada publica:

“Abertas, com as mesmas formalidades da fala do throno e todas as maiúsculas do alfabeto: S.M. não esqueceu nem os papos de tucano, nem o “congratulo-Me” com M de grande de cada ano.

(...)

S.M. parece atirar ao lixo, como umpuras, illegaes e viciadas, todas as camaras que até hoje tem legislado para o paiz, que elle jurou ser a menina de seus olhos; no seu puf á câmara actual, pouco se lhe dá de deixar ver claramente que todos os augustos e digníssimos que foram, não passaram de falsos eleitos. (...)

Foi naturalmente ofuscado pelo brilho dos novos sóes do subsidio, que S.M., tão pouco enxergou nas necessidades do paiz e nos deu uma fala do throno magra e ôca como uma chronica sem assumpto.

Eu nunca vi corôa mais genérica, mais ligeira; jamais se vio uma fala do throno menos loquaz. Parece que o Sr. D. Pedro segundo nada tinha, d’esta vez”⁴⁰

As decisões políticas-sociais também não estavam chegando a agradar a grande maioria da população, algumas medidas criadas pelo então governo facilitavam na verdade esse sentimento de desgosto e contribuía para a imagem que alguns jornais republicanos se empenhavam em passar, como por exemplo formar o corpo eleitoral por menos de 1% da população de todo o país.

Como já citado, as imagens eram o foco principal para esses homens de letra, pois sabiam por ela a informação circulava, formando-se assim o principal meio de divulgação do que ocorria e da mensagem que deveria ser passada. Ainda mais com o conhecimento de que a maior parte da população não ser letrada, com o povo absorvendo as informações que elas ali passavam, se tornavam mais fácil a disseminação do discurso como a aceitação delas em um futuro para a criação de sua formação.

⁴⁰ Revista Illustrada, 21 de janeiro de 1882, nº 283. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=1997&Pesq=>>

As charges claramente se baseavam em fatos que ocorriam com a monarquia, tirando sarro de suas ações e decisões. Assim, a monarquia passava por uma série de críticas variadas que partiam do popular, com a falta de capacidade que o ex-monarca parecia ter tanto do país quanto de si mesmo. Na Revista *Ilustrada* de 1º de março de 1890:

“Tanto mais que não pretendo deitar abaixo bibliotecas, para discutir, por exemplo... o caso da situação precária do Sr. D. Pedro de Alcantara. (...) Uma vez que o telegrapho nos deu a noticia que o ex-imperador luctava com dificuldades para ocorrer para ocorrer ás suas despesas – e que essa noticia confrageu o coração dos brasileiros – mandava o senso commum, que se aguardasse o procedimento do governo provisório, que podia fazer – como realmente fez – um adiantamento por conta do bens daquele, que, além de outras virtudes, teve a de ser sempre, como monarca, um exemplo de probidade e houradez” Barbadinho.⁴¹

A República que era algo de extrema necessidade para esses jornalistas e homens de letra. Não qualquer forma de República, mas aquela que trazia a decisão para o seu povo, aquela que levava a liberdade política ao homem comum de decisões e questionamentos, decisões para um líder para o Brasil que necessitava disto para,⁴² segundo esses homens, se tornar uma grande potência, como as suas transformações estavam pedindo. O futuro do Brasil estava em seu grupo, só que em um governo Republicano.

A República ser sinônimo de liberdade, com a disseminação dessa ideia de um sentimento de mudança e que ele só podia ser completado ou realizado pela mudança governamental: Assim apenas a República tinha essa capacidade.

A liberdade era algo essencial para esses homens de letra e reforçavam para a população o tempo todo que ela era a essência de cada um em seu espaço: Um homem só era livre de fato se o seu país fosse livre e um país só é livre se a sua imprensa for livre.

Mesmo com a liberdade de imprensa assegurada demorou-se alguns anos para de fato ser efetiva. Aumentou sim o movimento de imprensa, mas se acrescentava várias outras

⁴¹ Hemeroteca Digital: **Revista Ilustrada (RJ) 1876 – 1894**. Número 580. Anno 15. Rio de Janeiro, 1º de março de 1890. p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=4221>>

⁴² CARVALHO, José Murilo. **UTOPIAS REPUBLICANAS**. In: *A Formação das Almas, O Imaginário da República no Brasil*. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 1939. Ed. 7ª. p. 17.

preocupações nessa nova imprensa livre que variavam nos movimentos políticos, mas a liberdade adquirida se era valorizada e reforçada sempre que possível. Cipriano Barata (1762 – 1838) entusiasta da República e a Independência do Brasil, pública em *Sentinela da Liberdade* (1823) ⁴³:

“Toda e qualquer Sociedade, onde houver imprensa livre, está em liberdade; que esse Povo vive feliz e deve ter aumento, alegria, segurança e fortuna; se, pelo contrário, aquela Sociedade ou Povo, que tiver imprensa cortada pela censura prévia, presa e sem liberdade, seja debaixo de que pretexto for, é povo escravo, que pouco a pouco há de ser desgraçado até se reduzir ao mais brutal cativo.” ⁴⁴

A liberdade era essencial para o povo não viver em estupidez e para isso se era necessário a primeiro momento criar algo em comum com os homens para então passar a ideia do que de fato era a República e a essência da liberdade, para depois formar a ideia de nação para estes possíveis e futuros Republicanos e as Charges e Imagens eram o principal meio de passar a ideia no imaginário de que o governo não era capaz de governar e nem de oferecer este objetivo.

Com essa ideia sendo reforçada tantas vezes e com formas diferentes deixa de ser apenas um sentimento abstrato ou algo sem formato, agora para esses autores, jornais e futuros políticos, a ideia tinha um corpo e uma forma e apenas uma forma de existir. A Liberdade era o sentimento menos abstrato que o homem de letra sentia a necessidade e a ideia mais bem formada.

A República era o sinal de que a palavra seria como o governo: Democrático e livre. Sem censura e sem limites para qualquer um que pudesse, ou quisesse usa-la, bastava conhecer a palavra, assim como o direito de ser livre e poder exercer seu poder político.

Em conjunto a opinião política só se era ouvida de fato se o eleitor fosse: homem, possuidor de terras, pleno conhecimento de leitura e ortografia, assim a grande maioria da população se tornava abstraída das decisões políticas, principalmente homens negros. ⁴⁵

⁴³ MOREL, Marco. **OS PRIMEIROS PASSOS DA PALAVRA IMPRESSA**. In: História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo, 2013. p. 35.

⁴⁴ BARATA, Cipriano. *Apud*: MOREL, Marco. **OS PRIMEIROS PASSOS DA PALAVRA IMPRESSA**. In: História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo, 2013. p. 35.

⁴⁵ CARVALHO, José Murilo. **UTOPIAS REPUBLICANAS**. In: A Formação das Almas, O Imaginário da República no Brasil. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 1939. Ed. 7^ª.p. 24.

O simbólico, com essas ideologias que os jornais levavam em conjunto com as péssimas decisões políticas e uma falta de zelo que se aparentava ser da Monarquia quanto ao Brasil transformava a necessidade de reforma ainda maior, com mais pessoas querendo direitos e igualdade a República vinha com uma nova ideia do que seria o povo brasileiro.⁴⁶

Com uma maior aceitação do grande público, a cada crítica que a monarquia recebia por essas diversas publicações se criava uma nova ideologia e um novo ideal de que o novo governo deveria ser, um novo progresso civilizatório com apoio da grande massa da sociedade.⁴⁷

“Estamparam-se à exaustão as ideias e imagens do progresso pretendidas pela nova ordem. Ao lado da política, a urbanização foi um de seus grandes temas, veiculado pela festejada modernização do aparelhamento jornalístico, com novas oportunidades tecnológicas para a produção e reprodução do texto e da imagem.”⁴⁸

O modernismo, junto com a República, era o futuro e a salvação do Brasil, a vontade de se criar uma própria cultura brasileira, fazia com que a portuguesa começasse a ser um pouco desvalorizada e a literatura aparecia com este objetivo. Criar algo essencialmente brasileiro.

A necessidade da cultura própria era o primeiro passo para se ter uma cultura brasileira, a nova literatura era distante da portuguesa e com novos personagens e características, como demonstrado no grande clássico da literatura brasileira O Triste fim de Policarpo Quaresma de Lima Barreto.

3.3 A CONQUISTA E A VISÃO DA REPÚBLICA

A importância do popular, como dito, era de extrema importância para a aceitação da república e os militares tinham a simpatia da população em questões gerais.

“O fato é que os republicanos perceberam desde logo a boa oportunidade de aproveitar a irritação dos militares com o governo –

⁴⁶ MELLO, Maria Tereza Chaves. **INTRODUÇÃO**. In: A República Consentida: Cultura democrática e científica do final do Império. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 2007. p. 11.

⁴⁷ MELLO, Maria Tereza Chaves. **INTRODUÇÃO**. In: A República Consentida: Cultura democrática e científica do final do Império. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 2007. p. 11.

⁴⁸ MARTINS, Ana Luiza. **IMPrensa EM TEMPOS DE IMPÉRIO**. In: Martins, Ana Luiza; Luca, Tania Regina de. História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo. 2ª ed. 2013. p. 79.

tanto por ser um grupo de condições de derrubar o regime, quanto pelo prestígio que gozavam”⁴⁹

O desgosto já estava presente a tempos, desde a Guerra do Paraguai onde se demonstrou uma fragilidade do exercito e acima disto, um sentimento de identidade conflitante devido a homens, escravos, lutarem ao lado de homens livres e a situação política de outros países, os fazendo sentir como um grupo social e, também, o gasto excessivo, que trouxe severas consequências nos anos de 1870 e 1880.

Nestas consequências e situações os militares acabaram assimilando a ideia de atraso a toda Monarquia e a quem dela “sugava”, como bacharéis. Os militares buscavam uma forma de valorizar seu trabalho e trazer dignidade e respeito ao ofício, querendo assim um lugar de respeito, uma vez que lutavam pelo país e suas conquistas.

A Academia Militar era uma boa forma de se ter ascensão intelectual e social, e por conta disto uma grande quantidade de jovens de variada origem familiar acabava ingressando na academia, além de que, os próprios militares colocavam seus filhos nestas. Nestas mesmas academias se discutia cientíssimo e suas atrelações: matemática, ciências, física.

Sendo assim, é de se imaginar que o imaginário deles, de certa forma, fosse de encontro com estes homens de letra, que se viam também como soldados-cidadãos, mas com uma outra perspectiva de combate. A filosofia que se era discutida nas academias militares estava de fato ligada ao positivismo e todo seu aspecto científico e metodológico, considerando assim ainda mais a necessidade de se ocupar um lugar de proeminência.

Dentro da Academia Militar se passava o mesmo sentimento dos que lutaram na Guerra do Paraguai. A maioria dos que ali se formaram acabavam por então ter uma ligação com engajamento em lutas políticas e também com uma relação de pertencimento a uma classe totalmente desvalorizada, sendo ela a primeiro momento a militar e posteriormente a de intelectual.

Deste modo é crescente o número de pessoas que veem uma sociedade onde não se é possível crescer nem se desenvolver, com uma falta de pertencimento a classe, e uma reflexão sobre a cultura que a democracia trás atrelada ao pensamento científico é tudo o que o Brasil precisa para mudar esta situação, tanto para os jovens que estão saindo da Academia Militar, quanto os homens de letra e os militares já em exercício.

⁴⁹ MARTINS, Ana Luiza. **IMPRESA EM TEMPOS DE IMPÉRIO**. In: Martins, Ana Luiza; Luca, Tania Regina de. História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo. 2ª ed. 2013

Os homens de letra e esta “mocidade militar”, investiram sua energia na proclamação da República e eles se viam

“especialmente iluminada para levar o país ao estágio superior da civilização, no qual estava inclusa a instalação desse novo regime político. Mais patriota, mais consciente da cidadania, mais preparada que a elite civil, tinha, no entanto, em desvantagem a essa, uma profissão desprestigiada”⁵⁰

O que seria modificado com os periódicos e com o novo imaginário que estavam formando.

“A’ hora de entrar a nossa folha no prélo os actos do gabinete 7 de junho e a indiferença da corôa a tantos abusos deram os seus legítimos fructos: foi proclamada a Republica Federal Brasileira, único regimen que convem á nossa patria e que havia ded ser um facto mais hoje mais amanhã.

O gabinete demissionário, precipitou, porém os acontecimentos, e hoje em plena paz, no meio regozijo popular sauda-se, de todos os lados o novo e fecundo regimen da democracia, do direito e do futuro da America.

(...)

Realisaram-se nossos, vaticínios, e sentimo-nos felizes, porque isso tenha acontecido, em meio do regozijo e da confraternização mais admirável que se tem visto entre Povo, Exercito e a Armada Nacional.

Honra ao civismo dos Brasileiros!”⁵¹

Ao longo do tempo a República não se deu conforme foi imaginada e idealizada pelos homens de letra, sendo dado a primeiro momento como provisório pelos militares e até

⁵⁰ MARTINS, Ana Luiza. **IMPrensa EM TEMPOS DE IMPÉRIO**. In: Martins, Ana Luiza; Luca, Tania Regina de. História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo. 2ª ed. 2013

⁵¹ Hemeroteca Digital: Revista Illustrada, 16 de novembro de 1889. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=3823&>>

mesmo pelos jornais e revistas⁵², embora tenha partido do mesmo imaginário que a dos militares: A República Francesa.

Declarada em 15 de novembro de 1889 e sendo considerada um golpe político-militar, muitos ainda tinham a perspectiva positiva sobre a sua declaração, principalmente porque partiam da mesma base ideológica: A França que conseguiu sua dita liberdade pelas mãos de Danton, como na escrita da Gazeta de Notícias:

“PROCLAMAÇÃO

O governo provisório publica a seguinte proclamação:

“Concidadãos – O povo, o exercito e a armada nacional, em perfeita communnhão de sentimentos, com os nossos concidadãos residentes nas províncias, acabam de decretar a a deposição da dynastia imperial, e consequentemente a extinção do systema monarchico – representativo.

Como resultado imediato d’esta revolução nacional, de caracter essencialmente patriótico, acaba de ser insstituido um governo provisório, cuja principal missão é garantir com a ordem publica a liberdade e os direitos dos cidadãos.

(...)

Concidadãos: - O governo privsório, simples agente temporário da soberania nacional, é o governo da paz, da liberdade, da fraternidade e da ordem.”⁵³

Revolução Francesa que tinha características específicas e que o intelectual desejava e que era o seu lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. E o mais importante eram os discursos que os homens de letra repetiam: A Liberdade para se escrever sobre o que quiser, a liberdade para o que quiser.

⁵² Hemeroteca Digital: Gazeta de Notícias, 15 de novembro 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_02&PagFis=9&>

⁵³ Hemeroteca Digital: Gazeta de Notícias, 16 de novembro 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_02&PagFis=16528&>

Figura 3.: Imagens do Marechal Deodoro da Fonseca.



Imagem 3 e 4: Hemeroteca Digital: Gazeta de Notícias, 16 de novembro 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_02&PagFis=16528&>
Hemeroteca Digital: Revista Ilustrada, 16 de novembro de 1889. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=4127&>>

A representação para com o homem, também se era essencial, um governo do povo para com o povo. A República estava finalmente instaurada e o que importava era o futuro que o povo brasileiro poderia ter pela frente.

A República foi representada de forma provisória, nos jornais e revistas, que falaram sobre o assunto no dia seguinte, 16 de novembro de 1889, passando matérias e fotografias ou charges sobre quem estava no comando.

Nas chamadas de 16 de novembro, na primeira página da Gazeta de Notícias se tem as seguintes informações:

“Ministerio do Governo Provisorio

Chefe do governo. – Marechal Deodoro da Fonseca.

Ministro do Interior – Dr. Aristides Lobo.

Ministro da agricultura, Dr. Demetrio Ribeiro, e interinamente o Sr. Quintino Bocayuva.

Ministro da justiça, Dr. Campos Salles, interinamente Dr. Ruy Barbosa.

Ministro da guerra. Dr. Benjamin Constant.

Ministro dos estrangeiros, Sr. Quintino Bocayuva.

Ministro da Fazenda, Dr. Ruy Barbosa.

Os primeiros anos cercados de boas perspectivas e comemorações, ainda sob a perspectiva de ser algo temporário aquele governo ali instaurado, quase todos os volumes da Revista Ilustrada e da Gazeta de Notícias se tem alguma matéria, ou crônica, com os dizeres: “A republica, que se prepara para a conquista de todas as glórias. Salve a Liberdade!”, ou então “Vivam os Estados Unidos do Brazil!”.

Com um novo tipo de Governo o Brasil precisava de novas leis que combinassem e entrassem em conjunto com esta nova perspectiva positivista da República, sendo assim em no inicio de 1890 começava a discussão da Constituição.

As discussões que ocorriam estavam constantemente em todas as páginas dos jornais e revistas da época, reclamando de alguns que participavam do congresso e de outros que eram expulsos, ou coisas do gênero, a Gazeta de Noticias chega mesmo a afirmar que naquele momento, a Republica, que tanto se pensava que trazia liberdade para o povo, estava sendo mais repressora que todo o Império, quando alguns militares chegam a entrar no congresso.

A Revista Ilustrada também comenta o desgosto que o governo republicano anda sendo, com uma falta de capacidade administrativa e de orientação política, sendo um “morde e assopra” constante: Ao mesmo tempo que estão felizes pela separação oficial da Igreja e do Estado, estão irritados com decretos como o de continências militares.

Em 1891 ainda se acreditava que o governo era provisório, com as discussões sobre a nova constituição e o que o congresso nacional e seus congressistas fariam ou não, sempre que são citados se vem com “o governo provisório” e alguma relação sobre a constituição que estava sendo discutida em jornais e revistas desde 1890.

Mas a declaração da Constituição no final de fevereiro de 1891 trouxe de volta todo o animo que a proclamação causou, em seu volume de março de 1891 da Revista Ilustrada mostra:

⁵⁴ Hemeroteca Digital: Gazeta de Notícias, 16 de novembro 1889. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_02&PagFis=16528&

Figura 4.: Chamada da Revista Illustrada sobre a Constituição



Imagem 5: Hemeroteca Digital: Revista Illustrada, março de 1891. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=4472&>>

Seguindo do texto aqui resumido:

“Após três mezes e dez dias de árduo trabalho, o Congresso Nacional dotou a Republica Brasileira com uma Constituição, que é um modelo de previdência, e de arrojo patriótico.

Mais adiantada e mais livre do que todas as constituições até hoje outhorgadas ou decretadas, a nova lei fundamental de nossa patria recomenda-se pelo seu espirito altamente democrático, pela sua fórmula concisa e pela magnitude das concepções, que, de principio a fim, garantindo pleno uso da liberdade, equilibram os interesses geraes com os individuaes, assegurando o brilhantismo de um futuro de paz e de prosperidade.

(...)

O Congresso bem mereceu da patria e a posteridade há de honral-o, como a uma gloria nacional.

Trabalho tão bem encetado aureolando-se com os fulgores immortaes do 15 de novembro, havia necessariamente de ser coroado com os nobres actos, que lhe constituíram o deslumbrante epilogo!

(...)

Hoje, o paiz de posse de todos os seus direitos, descança á sombra de leis protectoras, tendo á sua testa dois homens que foram factores de primeira ordem do glorioso movimento de 15 de novembro, que libertou a nação, que desterrou o império, e que integrou a America, na sua unidade republicana,

Aos ardentes votos que fazemos pela felicidade do Brazil e pela gloriosa dos nossos concidadãos mais ilustres, que elevamos d'estas páginas, onde sempre se prestou culto á liberdade e á justiça, um estridente viva ao futuro da patria.

Viva a Republica!”⁵⁵

Os jornais incentivavam o sentimento de renovação que com a Constituição de 1891 voltava ao seu máximo fazendo com que todas as reclamações fossem deixadas de lado por algum tempo e só se falava do quanto o Brasil estava avançado e tinha em seu futuro coisas boas.

Com uma participação mais ampla do eleitorado, que antes eram homens com mais de 25 anos em conjunto com uma comprovação de renda mínima anual, agora eram homens com mais de 21 anos e letrados.

No mesmo número citado, a Revista Illustrada dedica toda uma página para a representação positiva da Constituição:

⁵⁵ Hemeroteca Digital: Revista Illustrada, março de 1891. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=4127&>

Figura 5: O Congresso, a constituição e os Estados do Brasil.

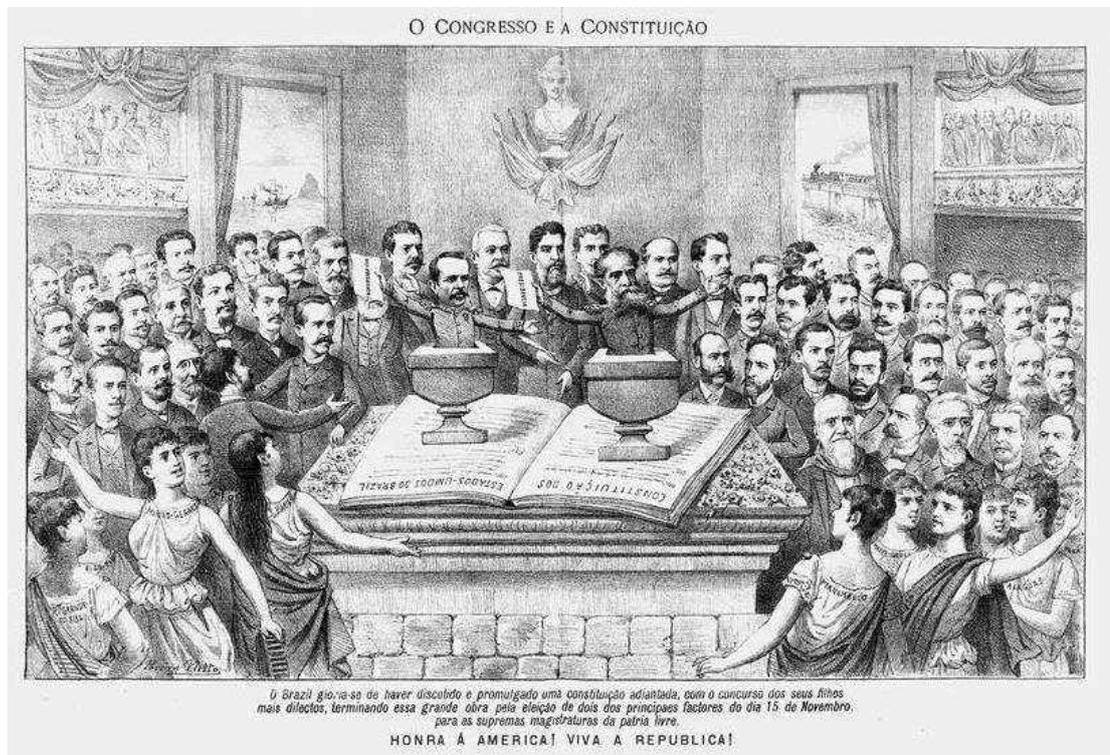


Imagem 6: Hemeroteca Digital: Revista Illustrada, março de 1891. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=4472>& >

A imagem que traz os seguintes dizeres:

“O Brazil gloria-se de haver discutido e promulgado uma constituição adiantada, com o concurso dos seus filhos mais dilectos, terminando essa grande obra pela eleição dos principaes factores do dia 15 de novembro, para as supremas magistraturas da patria livre. HONRA Á AMERICA! VIVA A REPUBLICA!”⁵⁶

A Gazeta um pouco mais adiante em seu número de 24 de fevereiro já diz que espera ansiosa as eleições e que uma vez já aprovada a constituição logo se tem as eleições presidenciais, e que o congresso nunca teve antes uma seção tão importante.

Com a Constituição, Deodoro da Fonseca fora eleito pela Assembleia Nacional Constituinte logo no dia seguinte, 25 de fevereiro, teve um governo cheio de crises

⁵⁶ Hemeroteca Digital: Revista Illustrada, Março de 1891. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=4493>>

econômicas, principalmente porque passou um decreto sobre permissão de emissão de dinheiro sem qualquer exigência de ouro, a inflação foi tamanha e isso gerou um golpe de estado no mesmo ano.

Com um golpe em 3 de novembro do mesmo ano, o marechal Floriano Peixoto assumiu o lugar de Deodoro tendo as repercussões muito similares na Revista Ilustrada, Gazeta de Notícias.

A Gazeta de Notícias publica em 24 de novembro:

“O marechal Floriano Peixoto, actual chefe do executivo, inspira ao paiz a mais plena confiança.

Não disputou o poder; foi naturalmente chamado a ele. Em taes circumstancias, tendo muitas vezes recusado fatervir em actos que poderiam revelar ambição de predomínio ou desejo de se impor aos seus cidadãos, não temos senão razões para supor que será de ordem e de respeito á lei o seu governo.

Pelo 2º do art. 1º das disposições transitórias e pelo 4º do art 43 da Constituição, o S. Ex. governará até 15 de novembro de 1894.”⁵⁷

A Revista Ilustrada publica em sua edição de novembro: “Apezar da disposição do general Deodoro, ex-presidente da Republica, a ordem tem sido mantida com máximo rigor”⁵⁸. Mas, ao contrário da Gazeta, conta com a esperança de novas eleições: “As eleições geraes deverão ser brevemente anunciadas”⁵⁹. Mesmo que neste volume tenha uma reprodução de todos os novos integrantes da nova republica de Floriano.

Ainda não acreditando ao que se formava, a Revista Ilustrada pede em março de 1892 as eleições, “- Eleição para um! Tal deve ser o motte de todos os patriotas, na quadra anamola que atravessamos.”⁶⁰ Uma nova eleição só iria acontecer em 1894, elegendo assim Prudente de Moraes.

⁵⁷ Hemeroteca Digital: Gazeta de Notícias, 24 de novembro de 1891. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&PagFis=2813&>

⁵⁸ Hemeroteca Digital: Revista Ilustrada, novembro de 1891. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=4615>>

⁵⁹ Hemeroteca Digital: Revista Ilustrada, novembro de 1891. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=4615>>

⁶⁰ Hemeroteca Digital: Revista Ilustrada, março de 1892. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=4615>>

Assim esses escritores em conjunto com a imprensa, não só discutiam e tramavam em suas imagens a grande importância da República como também utilizavam desta nova narrativa para a construção essencial do que se estava vivendo até o momento.

A narrativa era formada em conjunto com as grandes imagens que enaltecem a República, como a figura 5, e a sua imagem, homens de uma aparência refinada com o acompanhamento de mulheres que representam a nação em todos os seus estados com seus nomes escritos, com a imagem da própria imagem da República francesa, a nossa própria Efigie ⁶¹ que para além de representar a nação, é por estado em estado.

⁶¹ Uma imagem da República é a personificação do regime republicano e de seus Estados. Representada por uma figura feminina.

IV. A MODERNIZAÇÃO E O POVO

4.1 TEMPO NA PERCEPÇÃO DO HOMEM

O Brasil, segundo os intelectuais e a elite, precisava acompanhar o resto do mundo, se espelhando em grandes países da Europa, como a França, e utilizando do dinheiro da renda de cafezais, estava se modificando para se livrar da imagem insalubre e inseguro. O Brasil utilizava de toda a sua modernidade e modernização para mostrar uma imagem de fartura, conforto e progresso.

A cidade com a modernização, além de ter uma aparência e uma necessidade diferente, começou a ter um tempo de vivência diferente. O ritmo não se era o mesmo e estava longe de ser qualquer coisa antes já vivenciada por qualquer um neste novo momento do Rio de Janeiro.

Deixava-se de se ter carroças e começava os automóveis. As ruas antes estreitas e sujas começavam a não apenas se alargar como também a serem asfaltadas. Comércio estreavam placas para chamar atenção e neste cotidiano tudo se modificava e começava a se tornar frenético.

O grande exemplar Europeu estava para além de aparência física onde se apresentava letreiros, indústria, carros e barulhos o tempo todo, também estava nos ideais como por exemplo a liberdade, que deveria ser adquirida em todos os âmbitos possíveis, sendo os mais discutidos o de expressão e o político.

A mudança de todo o ambiente alterava a forma de viver e de se pensar a vida, o tempo neste novo país, principalmente no Rio de Janeiro, se passava de uma forma completamente diferente do que antes.

Além de toda a modernização ao meio comum, a injeção de dinheiro e o que, já circulava em periódicos na época de 1880⁶², pessoas iam para o Rio de Janeiro com a perspectiva de crescer ou até mesmo de adquirir um lugar nesta nova cidade moderna que estava sendo formada e, por que não, reformulada, uma vez que seus principais pontos, continuavam os mesmos.

O Rio de Janeiro era o berço de toda a modernização e o que ela poderia trazer em seus mais completos sentidos, planos e consequências, tanto para a cidade em si quanto para quem

⁶² MELLO, Maria Tereza Chaves. **NO OLHO DA RUA: VALORIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NO RIO DE JANEIRO NA DÉCADA DE 1880**. In: *A República Consentida: Cultura democrática e científica do Final do Império*. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 2007

vivia nela: De coisas básicas do cotidiano quanto a locomoção onde, como já citado, se para de ver animais e carroças e começa a se ver carros e bondes, fabricas e lamparinas quanto a mudanças que apenas a percepção mais dedicada era capaz de perceber: O Tempo.

Em todas as perspectivas possíveis se altera de forma brusca o cotidiano do homem brasileiro e seu espaço de convivência e vivência.

O frenético, com a modernização, agora fazia parte da essência e do significado do que era e o que tornava o Rio de Janeiro e seus habitantes, as mudanças sociais, econômicas e políticas, todas estavam se estabilizando em um ritmo fora do comum, acelerado.

“Cumpria acompanhar o progresso que segue rápido que segue e não espera por ninguém; deixar-se de estatelado como um frade de pedra, a ver passar a mais brilhante das procições – ouro a rolar.”⁶³

O novo Rio de Janeiro pedia mais de seus moradores, o que antes se fazia em horas, dias agora com a modernização, se tinha minutos. A vida moderna não parava e muito menos deixava seus moradores e vivenciados pararem, sempre cobrando mais e necessitando de mais velocidade. O tempo era o seu motor e quanto mais se gastava fazendo mais coisas mais energia a mesma gerava. O frenético era a sua nova essência.

Por consequência, não apenas o viver se torna frenético, como tudo quanto ao seu referente. A própria literatura se torna frenética ao tentar acompanhar este novo ritmo e nova vivência, um novo habitar se é formado para esta junto com uma nova forma: uma leitura rápida e distraída, apressada, “uma prosa mais perto da notícia do que da invenção”⁶⁴.

“Falta-te o Tempo – o vago, o religioso aroma
Que respira no ar de Lutécia e de Roma,
Sempre moço perfume ancião de idades mortas...”⁶⁵

O Tempo se era essencial para a absorção da literatura, para a produção, para até mesmo se obter o conhecimento e saber o que se passa no seu cotidiano. “Aprender sem estudar,

⁶³ SEVCENKO, Nicolau. **A INSERÇÃO COMPULSÓRIA DO BRASIL NA BELLE ÉPOQUE.** In: Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2º Ed. 2003. p. 41.

⁶⁴ SÜSSEKIND, Flora. **A TÉCNICA LITERÁRIA.** In: Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2006. p. 96

⁶⁵ SÜSSEKIND, Flora. **A TÉCNICA LITERÁRIA.** In: Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2006. p. 99

enriquecer sem trabalhar, valer sem ter mérito, ostentar sem conta, sem peso e sem medida: eis os modernos ideais”⁶⁶.

“O público tem pressa. A vida de hoje vertiginosa e febril, não admite leituras demoradas, nem reflexões profundas. A onda humana galopa, numa espuma bravia, sem descanso. Quem não se apressa com ela será arrebatado, esmagado, exterminado. (...) Não tem tempo a perder.”⁶⁷

O moderno estimula uma vida atropelada de ideias e intensa, tão rápido se vem, tão rápido se vai dificultando sua transmissão e até mesmo desejando resultados que não passam por todas as etapas necessárias, tornando muitas vezes o conteúdo vazio ou sem um sentido real, ou até mesmo a falta de capacidade de absorção, uma vez que, no final, falta o essencial, o tempo, para a sua assimilação.

“Vede o espectador teatral. Logo o último ato chega ao meio, ei-lo nervoso, danado por sair. Para quê? Para tomar chocolate depressa. E por que depressa? Para tomar o bond onde o vemos febril ao primeiro estorvo. Por quê? Porque tem pressa de ir dormir, para acordar cedo, acabar depressa de dormir e continuar com pressa as breves funções da vida breve!”.⁶⁸

A falta do tempo se torna ambígua, sentem mais, pensam mais, amam mais, se trabalha mais e ao mesmo tempo se faz tudo por menos por falta de tempo, por falta de assimilação do que ocorre. ““Dar tempo ao tempo” é uma frase feita cujo sentido a sociedade perdeu integralmente. Já nada se faz com o tempo. Agora faz-se tudo por falta de tempo.”⁶⁹

Tudo se diluía neste novo tempo de viver, nos movimentos das pessoas com pressa para viver, nos veículos que nunca paravam, na fábrica que sempre produzia, no homem que de

⁶⁶ SÜSSEKIND, Flora. **A TÉCNICA LITERÁRIA**. In: Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2006. p.103

⁶⁷ Hemeroteca Digital: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1901. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%20188&pesq=

⁶⁸ RIO, João do. **CINEMATÓGRAFO: CRÔNICAS CARIOCAS**. Ed. ABL (Coleção Afrânio Peixoto),. Rio de Janeiro, 2009. p. 268.

⁶⁹ RIO, João do. **CINEMATÓGRAFO: CRÔNICAS CARIOCAS**. Ed. ABL (Coleção Afrânio Peixoto),. Rio de Janeiro, 2009. p. 268.

fato não existia por si só, uma vez que ele começava a se resumir no que fazia e não na sua essência.

Este novo tempo de viver também alterava a forma de se ver a arte, literatura e seus conjuntos, o instantâneo era quase que uma mágica, a máquina de escrever era uma facilitadora, mesmo com o seu barulho frenético. O tecnicismo era completamente implacável e irredutível.⁷⁰

4.2 A MODERNIZAÇÃO NA ESCRITA E NA IMPRENSA

A atividade humana havia aumentado em todos os parâmetros possíveis neste novo Rio de Janeiro, por consequência a de autores, escritores e jornalistas também. O Rio de Janeiro era moderno, e por consequência, o que existia no Rio de Janeiro também era.

A modernização ocupando todos os espaços possíveis, também atingiu a literatura como um todo e a sua produção, novos aparelhos se eram utilizados, tanto para a sua produção quanto para a divulgação.

A imprensa no Brasil começou tardia, sendo seu primeiro jornal na verdade tendo sido criado e publicado em Londres, Inglaterra, um jornal que discutia tudo o que ocorria na Colônia Portuguesa no período de 1808, o jornal cruzava todo o oceano para chegar aqui e ser divulgado, apenas quando a corte veio para o Brasil é que essa realidade muda, “as aberturas dos portos e a fundação do Banco do Brasil, somou-se a menos propalada criação da Imprensa Régia, responsável, a médio prazo, pela impressão de vários periódicos em terras brasileiras.”⁷¹ Assim, aos poucos, estes jornais vão não apenas ganhando a atenção do povo letrado como, com o tempo, melhorando, aperfeiçoando e se criando novos tipos para diferentes públicos.

A imprensa que demorara para se criar e estabelecer no país buscava se acelerar e se recuperar, objetivos se eram traçados para não apenas se manter como também ser mais que um meio de informação, formar uma cultura era essencial.

“Estavam em pleno curso, disputa e desenvolvimento as visões que mais adiante se tornariam predominantes, de uma imprensa moderna e contemporânea dos avanços tecnológicos de sua época,

⁷⁰ SÜSSEKIND, Flora. **A TÉCNICA LITERÁRIA**. In: Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

⁷¹ MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo, 2013.

capaz de incorporar diversidades de discursos e atender interesses e demandas cada vez mais presentes e diversificados na sociedade.”⁷²

Assim se cria todo um novo tipo de jornalismo que é intensamente ilustrado, e que busca em suas crônicas atuar como modernizadora e também ditar novos costumes, valores, hábitos, uma nova mentalidade e graças as novas tecnologias, chama a atenção da população mundana. As novas condições e oscilações do social obrigavam a literatura a se reformular e a se rerepresentar.⁷³

A modernização ocupava todo o espaço de criação e apresentava coisas únicas ao jornalismo Brasileiro e a literatura, sua inovação tecnológica mudaria toda a estrutura de apresentação de informação à poesia.

O desejo do moderno não tinha limites e ultrapassava qualquer coisa, impulsiona reformas, e estimula o aparelhamento técnico em todos os setores possíveis. Vai para o cenário, vai para os cartazes, vai para a divulgação, para todos os ambientes possíveis e imagináveis, independentemente da sua capacidade ou não para o mesmo.

A Ilustração agora tinha a possibilidade de ser totalmente diversa e com apresentação de vários tipos de outras imagens, charges, caricaturas, fotografias, além de naturalmente o aumento de tiragens e um custo inferior ao anterior, com uma qualidade superior, tornando assim de fato um meio de comunicação da massa.⁷⁴

“Uma sociedade torna-se “moderna” quando uma de suas principais atividades passa a ser a produção e o consumo de imagens, quando as imagens, que possuem poderes extraordinários para determinar nossas exigências a respeito da realidade e são elas mesmas substituídas cobiçadas da experiencia autentica, tornam-se indispensáveis.”⁷⁵

⁷² GOMES, Nilo Sérgio. **EM BUSCA DA NOTÍCIA: MEMÓRIAS DO JORNAL DO BRASIL DE 1901.** In: RIBEIRO, Ana Paula Gulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves. **MÍDIA E MEMÓRIA: A produção de sentidos nos meios de comunicação.** Ed. MAUAD: Rio de Janeiro. 1º Ed. 2007. p. 177 – 196.

⁷³ SEVCENKO, Nicolau. **O EXERCÍCIO INTELLECTUAL COMO ATITUDE POLÍTICA: OS ESCRITORES-CIDADÃOS.** In: **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República.** Ed. Companhia das Letras: São Paulo. 2º Ed. 2003. p. 123.

⁷⁴ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **IMPrensa A SERVIÇO DO PROGRESSO.** In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil.** Ed. Contexto. São Paulo, 2013. p. 83

⁷⁵ SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil.** Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

Assim a Imagem, de qualquer tipo e forma, começa a fazer parte do cotidiano do povo e, principalmente, se torna o significado de moderno, mais do que a máquina de escrever ou qualquer outro produto advindo da modernidade.

A imagem possibilita não apenas o homem letrado a viver o moderno, como estimula o homem comum e das margens da sociedade e ter o moderno no cotidiano para além do novo visual da cidade. A partir da imagem e pelas novas tipografias o jornal era uma forma simplificada de ter o moderno em suas mãos e, pode-lo expor, para qualquer um de qualquer lugar.

Com uma maioria analfabeta, ou sem de fato o costume de praticar a leitura, o exemplar de jornal ou de revista precisava de algumas nuances ou características para chamar a atenção do leitor ou mesmo para o aproximar da leitura.

Com a modernização e as novas possibilidades de tipografias trazia toda uma nova forma de apresentar o leitor se apresenta não apenas com novo hábito como também uma forma de se conhecer a modernidade para além das construções e vigas de metais.

“O caráter de leitura ligeira e amena, acrescido do resumo da ilustração, adequavam-na ao consumo de uma população sem tradição de leitura, permitindo a assimilação imediata da mensagem.”⁷⁶

Uma população que também era de maioria iletrada, fazia homens como Olavo Bilac, questionarem para quem ele de fato escrevia quando era chamado por algum jornal, chegando a afirmar “Não nos faltam jornalistas: faltam-nos leitores” e de certa forma banalizava o escritor.

A propaganda também fazia o autor se questionar, mesmo que como o citado, os jornais e revistas eram uma forma de viver e ter em mãos a modernização e a sua nova aparência, também eram por folhetagens destes que podia se ver outra coisa que a modernização podia proporcionar: Produtos, de cosméticos a facilitadores do cotidiano do trabalho, para literalmente, qualquer setor da população média, que estavam “ávidas por novos produtos trazidos pela industrialização e urbanização”⁷⁷.

⁷⁶ MARTINS, Ana Luiza. **IMPRESA TEM TEMPOS DE IMPÉRIO**. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo, 2013. p. 63.

⁷⁷ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **IMPRESA A SERVIÇO DO PROGRESSO**. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo, 2013. p. 94.

Mas a nova linguagem que surgia e se estabelecia vinha de encontro com essa modernidade e também com a nova imprensa, agitada e intensa, então mesmos as efemeridades se estabeleciam e entravam em um ritmo, seja este pelos impressos: diários, semanais, quinzenais ou mensais.

Figura 6. Capas do jornal “Jornal do Brasil”.



Imagem 7 e 8: Hemeroteca Digital: Jornal do Brasil, 1 de janeiro de 1892. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_01&PagFis=13
Hemeroteca Digital: Jornal do Brasil, 6 de janeiro de 1908. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_02&pasta=ano%20190&pesq=>

O Jornal do Brasil começava um novo tipo de modelo para chamar a atenção do público e obter um novo público também, já que o jornal tinha como um objetivo “a defesa da legalidade constitucional e dos interesses gerais do país” em uma sutil defesa da monarquia, e com a sua queda era necessária uma nova adaptação.

A tipografia no Rio de Janeiro foi crescente ao longo das décadas de modernização contando com uma em 1808 “meia dúzia em 1822; vinte e cinco em 1850, trinta em 1862, um sem-número delas em 1889; quase que uma a cada esquina em 1908”⁷⁸

⁷⁸ MARTINS, Ana Luiza. **IMPRESA TEM TEMPOS DE IMPÉRIO**. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo, 2013. p. 57.

A mudança de tipografia possibilita não apenas novas estruturas para jornais e revistas como também novas maneiras de apresentar o seu conteúdo e de chamar a atenção do leitor logo pela capa, ou quando mesmo não se apresenta nada grandioso a nova forma de se separar as seções, já é algo que a modernização já apresenta ao leitor.

Figura 7. Comparação de capas do jornal “Jornal do Brasil”.



Imagem 9 e 10: Hemeroteca Digital: Jornal do Brasil, 1 de janeiro de 1920. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_04&pasta=ano%20192&pesq=>

Hemeroteca Digital: Jornal do Brasil, 24 de novembro de 1921. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_04&pasta=ano%20192&pesq=>

A nova técnica de compor e imprimir com diversos tipos de imagem e forma não só possibilitou as novas tiragens e aumento-as como também possibilitou formas de mostrar e vivenciar momentos únicos pelos jornais, mesmo que segundo vários autores e escritores de forma mundana.

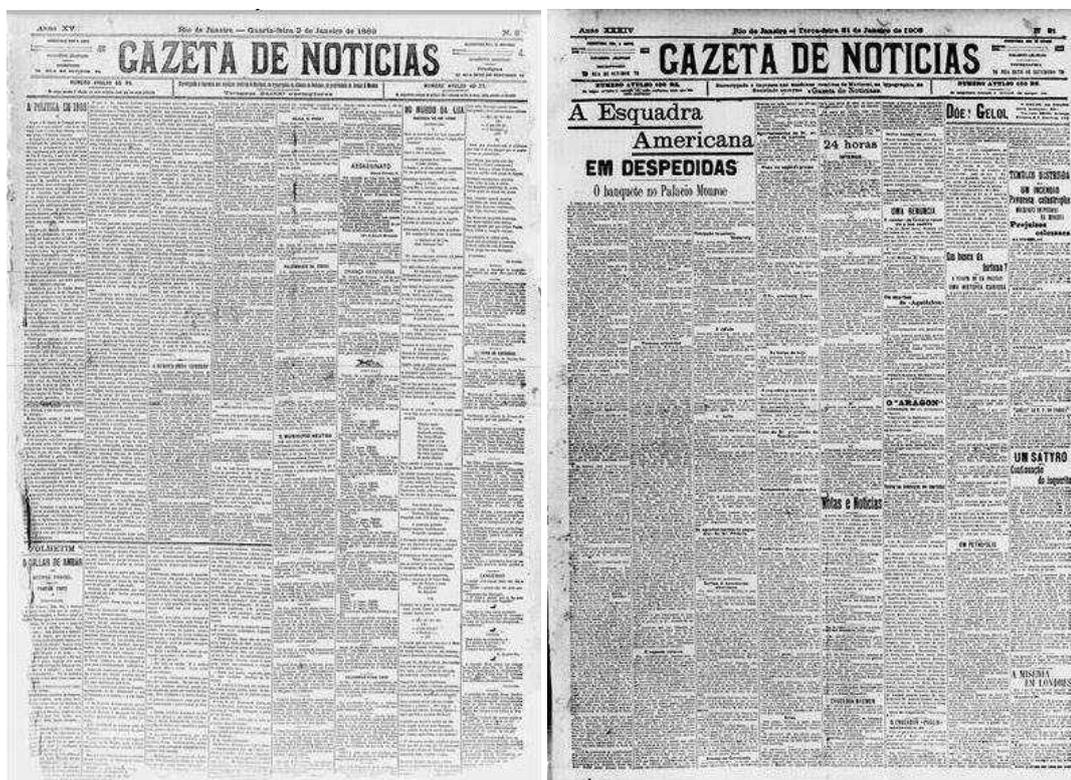
O “*Jornal do Brasil*” começava a utilizar charges em sua primeira página para chamar a atenção do leitor comum para a opinião sobre a manchete do dia, utilizando de novas formas de publicação com a modernidade tecnológica, um novo público com charges em suas

primeiras páginas, o jornal via os resultados, afinal a sociedade em geral buscava uma modernidade em seu cotidiano.

As capas passam, ainda, notícias comuns, do cotidiano, mas que vem em conjunto cada vez mais para divulgar o principal, no caso da capa de 6 de Janeiro de 1908 podemos ver uma crítica sobre quem sobrevive mais tempo ao poder, com um escondendo a coroa e recebendo outra, e a de 24 de novembro de 1921 podemos observar que além da notícia, ou reclame, podemos ver a utilização de imagens desenhadas para a divulgação de um concurso de tema específico. Que se eram comuns no jornal, mas, agora, utilizando das novas técnicas para chamar a atenção do cidadão.

Podemos analisar esta mudança também em momentos “especiais” como por exemplo: A figura 7 “O Ano Novo”, na capa de 1892 não se tem nenhuma imagem ou algo do gênero que chame a atenção do leitor comum ou do cidadão despreocupado, ao contrário da capa de 1920, que para além de ter uma figura que ocupa grande parte de sua capa, também tem os dizeres: “Anno Bom” com anjos e crianças, forçando uma perspectiva positiva sobre o futuro.

Figura 8. Comparação das capas do jornal “Gazeta de Notícias”.





Imagens 11, 12, 13 e 14: Hemeroteca Digital: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 1889. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%20188&pesq=> Hemeroteca Digital: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1908. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_04&pasta=ano%20190&pesq=> Hemeroteca Digital: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 2 de Janeiro de 1920. Disponível < http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_05&pasta=ano%20192&pesq=> Hemeroteca Digital: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 1921. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_05&pasta=ano%20192&pesq=>

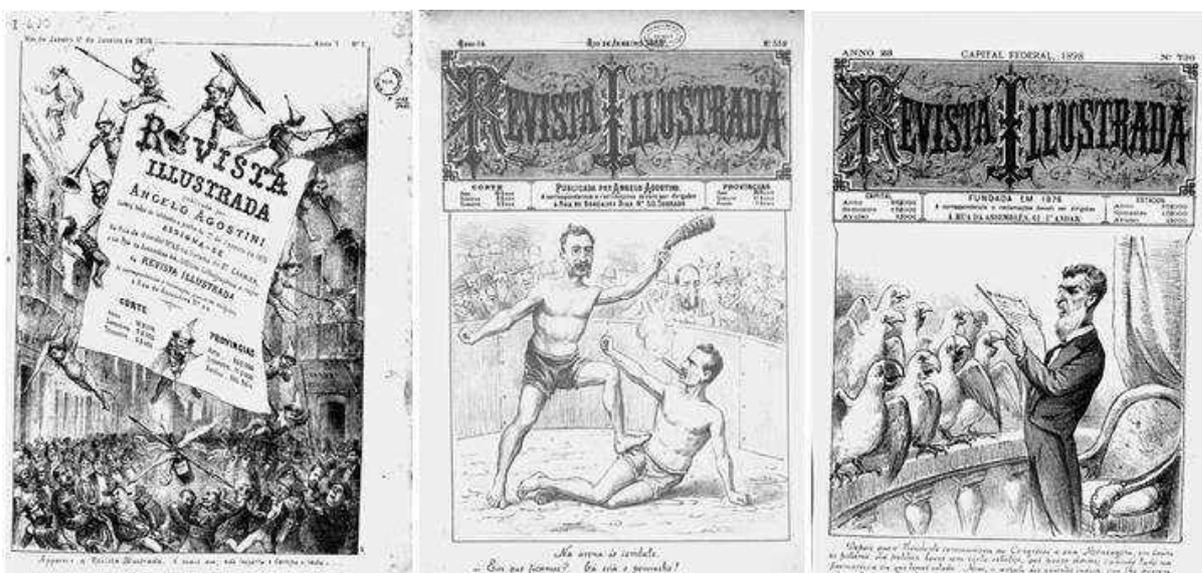
Esta mudança também é visível em outros jornais, como por exemplo o Gazeta de Notícias, 1875 – 1942, que pegou toda a mudança de técnica e modernização e ainda as implementou, caricaturas, entrevistas também cedeu espaço a literatura por meios de folhetins, sendo um dos principais jornais de sua época.

“O desdobramento do setor traduziu-se também na diferenciação entre jornais e revistas: ao primeiro, normalmente diário e vespertino, caberia a divulgação da notícia, o retrato instantâneo do momento, abrangendo desde as disputas políticas até o descarrilamento do trem de subúrbio. À revista reservava-se a especificidade de temas, a intenção de aprofundamento e a oferta de lazer tendo em vista os diferentes segmentos sociais: religiosas, esportivas, agrícolas, femininas, infantis, ou acadêmicas, não apenas como mercadorias,

mas ainda como veículos de divulgação de valores, ideias e interesses.”⁷⁹

Mesmo que a maior parte do jornal seja escrita e não faça apelos tão significativos como Revistas, uma vez que eles também têm objetivos e tiragens diferentes, o jornal sabia dessa necessidade de se utilizar desta modernidade para o “chamar a atenção”, sem estas pequenas mudanças, podiam cair no vazio, e com o tempo adquiriram algumas chamadas como esportivas e femininas.

Figura 9. Comparações de capas da Revista “Revista Illustrada”.



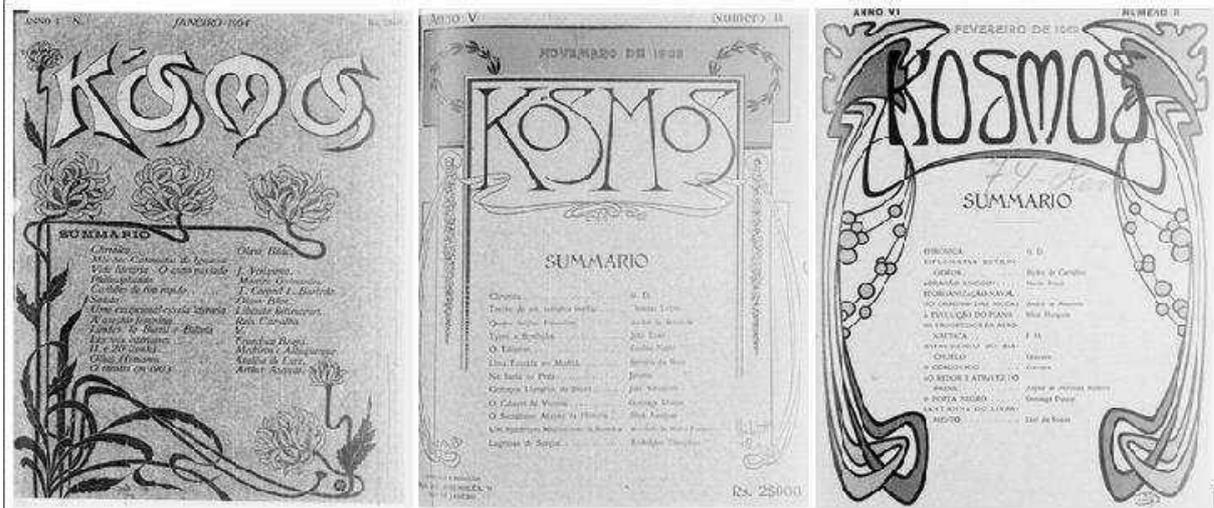
Imagens 15, 16 e 17: Hemeroteca Digital: Revista Illustrada, Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1876. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=1>

Hemeroteca Digital: Revista Illustrada, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1889. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=>>

Hemeroteca Digital: Revista Illustrada, Rio de Janeiro, junho de 1898. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=>>

⁷⁹ COHEN, Ilka Stern. **DIVERSIFICAÇÃO E SEGMENTAÇÃO DOS IMPRESSOS**. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. História da Imprensa no Brasil. São Paulo. Ed Contexto. p. 103 – 130.

Figura 10. Comparações das capas da Revista “Kosmos”



Imagens 18, 19 e 20: Hemeroteca Digital: Revista Kosmos, Rio de Janeiro, janeiro de 1904. Disponível em

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=146420&PagFi=2675>>

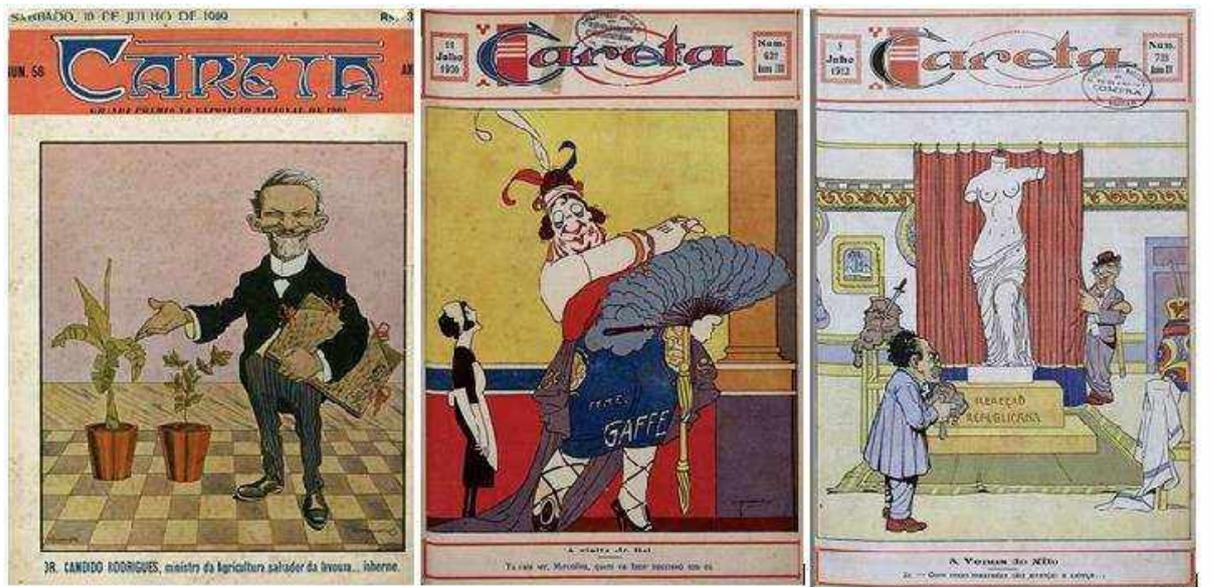
Hemeroteca Digital: Revista Kosmos, Rio de Janeiro, novembro de 1908. Disponível em

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=146420&PagFi=2675>>

Hemeroteca Digital: Revista Kosmos, Rio de Janeiro, fevereiro de 1909. Disponível em

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=146420&PagFi=2675>>

Figura 11. Capas da Revista “Caretta”



Imagens 21, 22 e 23: Hemeroteca Digital: Revista Careta, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1909. Disponível em

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=083712&PagFi=1>>

Hemeroteca Digital: Revista Careta, Rio de Janeiro, 10 de junho 1920. Disponível em

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=083712&PagFi=1>>

Hemeroteca Digital: Revista Careta, Rio de Janeiro, 1 de julho de 1922. Disponível em

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=083712&PagFi=1>>

Com alguns públicos pré-definidos, não apenas pela sua capa como também pelo seu número inicial, uma vez que se era comum enunciar para o que veio a revista, se era necessário chamar a atenção do seu público alvo e com as mudanças de tipografia ao longo dos anos, podemos notar que de fato a qualidade delas mudaram, durante seu período de existência, mas que a essência da revista não.

Na “*Revista Illustrada*” por exemplo, que tinha o objetivo de:

“O meu programma é dos mais simples, e póde ser resumido nestas poucas palavras: ., Fallar a verdade, sempre a verdade, ainda que por isso me cáia algum dente.” Quem se zangar commigo, fique certo que perde o seu latim. Estão previnidos?”^{80, 81}

Demonstrando claramente o seu caráter e objetivo político, logo em suas capas podemos ver, tanto na de seu número de estreia, quanto aos outros dois, que são sempre imagens relacionadas a política e a sua sátira, chamando assim a atenção do leitor que quer saber o que ocorre em âmbito político da nação.

Notamos também a grande mudança na tipografia principalmente nos títulos da Revista entre a de 1876 e a de 1898, assim como também vemos um maior número de detalhes nas capas de 1898 com comparação com a de 89. Se é possível observar a mudança onde em primeiro momento se é preciso escolher onde vai a prioridade de detalhes e depois a livre escolha de ter ambos detalhados: títulos e capas.

A “*Kosmos*” por outro lado trás algo diferente em sua capa, assim como seu objetivo também é atingir um outro tipo de público, uma vez que se considerada uma revista “artística, científica e litteraria”⁸² e que vai registrar os acontecimentos “sem comtudo ultrapassar os limites da chronica”⁸³. Seu objetivo é claramente atingir e se propagar entre um público culto.

Suas capas lembram em muito estrutura de roteiro em peça de teatro, o que é mais do que válido uma vez que seu objetivo é passar tudo e qualquer informação por meio de crônicas escritas pelos seus colaboradores, assim podemos notar que sua capa é deveras simples, mostrando quem escreve o que no volume apresentado, mas com o passar dos anos, sua

⁸⁰ Todas as palavras foram mantidas como no número lançado.

⁸¹Hemeroteca Digital: Revista Illustrada, nº1, Rio de Janeiro 1876. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=>>>

⁸²Hemeroteca Digital: Revista Kosmos, nº 1, Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1904. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=146420&pesq=>>>

⁸³Hemeroteca Digital: Revista Kosmos, nº 1, Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1904. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=146420&pesq=>>>

simplicidade ganhou elegância, a elegância que apenas o moderno pode proporcionar, uma vez que se tem letra sobreposta a desenhos da capa e até mesmo estruturas em sua borda, com o objetivo de se comparar com revistas similares produzidas na Europa e no resto da América, Kosmos já tem um objeto a quem se espelhar e o que se considerar como objetivo: A modernização pela literatura e o seu incentivo.⁸⁴

Já com a ideia de atingir um público diferente que a Kosmos e a Revista Ilustrada, a Careta tem o objetivo de ser popular e a atingir o público comum,⁸⁵ notamos que em um dos seus primeiros volumes, de 1909, ela utiliza uma técnica que já podemos observar nos últimos volumes da Kosmos, título sobreposto a imagem, além de cores vividas e chamativas, com personagens com feições engraçadas.

Muitas revistas, tinham um conteúdo variado, e um público, incluindo a clássica ilustração que com a modernização melhorou, utilizava estas para melhorar a passagem de informação ou até mesmo para se classificar de forma superior a jornais. Se considerava até mesmo algo frequente uma revista começar como um simples jornal de tiragem de duas a três páginas com baixo custo, e com o tempo e popularidade alcançava o formato já conhecido das mesmas⁸⁶, embora ocasionalmente, tivesse dificuldade de se manter em circulação.

Embora neste novo formato de jornalismo os literatos ainda tinham uma predileção sobre o que escrever e o que publicar, “mais do que registrar e conhecer este mundo, eles queriam transforma-lo, e para eles seria justamente essa a missão da literatura.”,⁸⁷ claramente a maior vontade deles era de “formar” um caráter e um cultural quanto uma nova nação, logo notícias de “informar” eram prontamente rejeitadas e vistas como algo de fato sem tanto valor, uma vez que não podiam utilizar de sua criatividade para tal ato, se limitando ao simples registro de informação do que se acontecia no mundo e nas próprias ruas.⁸⁸

O dialogo agora entre imagem e literatura era o novo processo de impressão e era para ser definitivo, pois além de atrair mais público e um público mais diversificado.

⁸⁴ Revista Kosmos, nº 1, Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1904. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=146420&pesq=>>

⁸⁵ NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista Careta (1908 - 1922): Símbolo da Modernização da Imprensa no Século XX. **Miscelânea**: Revista de Pós-Graduação em Letras, Assis, n. 8, p.62-80, dez. 2010. Semestral.

⁸⁶ MARTINS, Ana Luiza. **NO CIRCUITO DAS REPRESENTAÇÕES**. In: *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em tempos de República*, São Paulo (1890 – 1922). Ed. Universidade Federal de São Paulo: Fapesp. São Paulo, 2008. p. 72 – 73.

⁸⁷ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O Carnaval das Letras: Os literatos e as histórias da folia carioca nas últimas décadas do século XIX**. Campinas, 10 março de 1994. p. 23.

⁸⁸ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. Ed. Companhia das Letras: São Paulo. 2ª Ed. 2003.

A imagem vinha para complementar o trabalho do escritor e fazer seu trabalho atingir diferentes públicos, quando não se eram utilizadas fotografias, outros recursos eram chamados como charges, caricaturas, ilustrações, qualquer coisa que fosse satisfazer o homem pelo seu desejo de imagem.

4.3 MUDANÇA NA CIRCULAÇÃO

Importante ressaltar que no começo da Imprensa no Brasil, além das mudanças que foram adquiridas na formação da mesma, como a liberdade de expressão e a falta de separação do nacional e internacional, a Imprensa era estabelecida de uma forma diferente: Se era comum folhetins e panfletos, sempre com anúncios escassos e poucas páginas, sendo assim qualquer um, com pouco dinheiro, poderia tanto comprar um quanto produzir e com um alcance limitado, mas, comparado aos mesmos que eram a favor da Monarquia.

Os pontos de venda também eram sempre os mesmos e frequentados pelo mesmo tipo de pessoa, redatores e leitores, nem sempre para realizar a compra de fato mas para conversar sobre as publicações e ao fim facilitava para o jornal entrar em contato com “o comum” da população e de certa forma se popularizar e assim, suas informações também.

Estes pontos de venda começaram, também para atrair o público, a vender diversos tipos de produto “roupas, lingerie, louças, bijuterias, perfumes, papelaria, mármore, remédios”⁸⁹, levar jornais e revistas a diversos ambientes aumentava não só o público como a nova aparência deles chamava a atenção.

Farmácias, papelarias, bazares, estações ferroviárias, charutarias, quiosques por todo o Brasil vendiam jornais e revistas, além de possíveis entregas pelos correios, além de que mais propagandas rendia mais dinheiro para a distribuição e investimento na mesma, assim o Brasil inteiro se tinha ideia do que se passa no grande e moderno Rio de Janeiro.

A possibilidade de se assinar um tipo de jornal em específico ou revista também se foi essencial para, não apenas a fidelização do leitor, como também para a apresentação de mais pessoas ao material produzido pelos jornalistas e escritores.

A nova vida urbana que o Rio de Janeiro possibilitava, junto com o crescimento da população e uma expansão de uma classe média inteira junto com os meios de transporte e ambientes de socialização, que agora diversificavam, facilitou para as publicações de jornais que neste momento se tornaram mais frequentes e a possibilidade de comprar volumes únicos

⁸⁹ MOREL, Marco. **OS PRIMEIROS PASSOS DA PALAVRA IMPRESSA**. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo, 2013. p. 38

divulgava ainda mais não apenas os trabalhos, mas também as ideias destes autores, embora isso fizesse o tipo de trabalho e a forma mais exaustiva.

4.4 O PÚBLICO RECEPTOR

A atividade, de escrever, não era fácil de ser praticada e nem de ser divulgada, mas com a mudança do jornalismo, que acontecia aos poucos, e a nova perspectiva de se levar a vida com a mudança do governo político, a sua nova estrutura facilitava a disseminação desta nova ideia, assim atingiam de uma nova forma todo um novo público e “espalhando a massificação cultural da sociedade carioca.”⁹⁰

O público era importante ser definido e estabelecido pelas empresas porque a maioria dos jornais e revistas tinham um único objetivo, neste caso, apoiar a modernização e o espelhamento na Europa, principalmente na França, logo era por meio destes que se estabelecia o que queriam que o povo conhecesse, afinal havia a necessidade do popular para que qualquer coisa ocorresse.

A migração deu um espaço para uma cultura ampla onde a maioria das pessoas não se importavam de fato com a monarquia ou com o sistema governamental, dando espaço assim para uma grande ausência da mesma, assim acabava associando que a monarquia em si provava a sua própria ausência dentro de seu espaço.

Os novos migrantes não se importavam tanto com a política do país, mas sabiam que a atual não eram a que necessitavam, em grande parte devido ao que jornais e revistas divulgavam, e assim como a sua estrutura mudava a cotidiano do homem que ali viviam também.

“O que ocorreu em 1880, foi a ampliação do espaço público através de associações, conferências, imprensa, livrarias, confeitarias, clubes, mobilizações populares, etc. Com isso, a rua foi ressignificada. Meetings, imagens, efeitos de retórica, formações discursivas, ilustrações e até mesmo a repressão policial foram elementos ótimos para afetar os olhos, os ouvidos e a emoção, sendo, por isso, fatores eficazes na desintegração do regime, graças à instauração de um novo

⁹⁰ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O Carnaval das Letras: Os literatos e as histórias da folia carioca nas últimas décadas do século XIX.** Campinas, 10 março de 1994. p. 19.

clima, que impregnou as mentes de um simbolismo renovado.”
(MELLO, 2007).⁹¹

O objetivo se era nítido: Obter apoio das classes mais populares, pelas publicações, para o crescimento do pensamento republicano, pois a República só se era possível se as classes mais populares a aceitassem de fato.

Assim se formava todo o público que os jornais e revistas visavam, algumas como as já citadas buscavam de fato atingir grupos que já participavam da vida política, outros queriam introduzir grupos a esta vida, utilizando de charges simples para uma primeira impressão outros utilizando imagens em conjunto com poemas, para facilitar a interpretação do que ali estava escrito, devido a um grande número de analfabetos.⁹²

4.5 O COMEÇAR DO “VIVER” DA ESCRITA

Todo o novo mercado de impressão e modernização de periódicos e revistas trouxe a oportunidade de, realmente ser possível, viver apenas da sua produção em escrita, a modernização trouxe vários novos ambientes de trabalhos e oportunidades, a mais discutida sendo a de produção literária.

A visibilidade destes autores aumentara em níveis de conseguirem manter viagens para o exterior apenas com a sua produção e até mesmo ajudar no tratamento de algumas doenças. Mas como todo o conjunto de novas coisas que o modernismo trouxe e com a nova velocidade exigida em todos os ambientes, a produção literária também se modificou. “Bilac e Coelho Neto produziam mais de uma crônica diária. Raul Pompéia colaborava em jornais do Rio, São Paulo e de Minas Gerais. Arthur Azevedo, esse então, escrevia para a imprensa e o teatro em abundância”⁹³.

O trabalho de produção era árduo e intenso, tão frenético quanto o tempo em que se vive. As propagandas, que ajudavam o jornal a de fato obter lucro, faziam cada vez mais propagandas de maquinas de escrever, para não apenas agilizar o trabalho como facilitar a

⁹¹ MELLO, Maria Tereza Chaves. **INTRODUÇÃO**. In: A República Consentida: Cultura democrática e Científica do final do Império. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 2007. p. 11.

⁹² SÜSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

⁹³ MELLO, Maria Tereza Chaves. **NO OLHO DA RUA: VALORIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NO RIO DE JANEIRO NA DÉCADA DE 1880**. In: A República Consentida: Cultura democrática e científica do final do Império. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 2007. p. 75.

tipografia, e os barulhos das mesmas eram únicos e reconhecíveis em qualquer tipo de ambiente.

““Pagar a casa com artigos, que maravilha, hein?”, indagava Lobato, em 1909, quando depois de uma serie de artigos recebera mil-réis. (...) “Ao tempo em que escrevo estas linhas, já aí está a urgência suarenta do tipógrafo a espiá-las””⁹⁴ comentava outro escritor em 1913 a produção podia parar se, de fato, desejasse viver dela, mas como toda a arte de produção a pressa para produzir significava uma mudança ou até mesmo um distanciamento com o que se produzia.

A vida que antes era dividir apartamento com outros colegas de letras, começava a se tornar confortável e possível de viver em boemia, e a certa popularidade, poderia levar a pagarem jantares, ou ida a bares.

A expansão da imprensa possibilitava a vivencia real das letras e da possibilidade de viver por elas e se entregar totalmente ao trabalho de escrever para a sociedade, que no caso era a luta política pelos seus ideais, mesmo que estes costumes boêmios não fossem bem quistos para a sociedade da época, o lugar que ocupavam e o que faziam era o suficiente para uma parcela ser respeitada e, mais do que, ouvida.

Todos estes intelectuais utilizaram da sua nova possibilidade de vida e sobrevivência para a disseminação de suas ideias políticas, positivistas, sociais, criticismo, materialismo, republicanismo e abolicionismo, trazendo para o público, por meio de suas publicações, mais do que a possibilidade de discussão, mas sim: A instrumentalização delas com um objetivo: progresso e democracia.⁹⁵

4.6 DISTANCIAMENTO DA ESCRITA COM A MODERNIZAÇÃO

O final do século XIX e início do XX é formado pela ideologia da modernização e com ela vinha em conjunto com uma mudança de vida em todos os âmbitos e espaços possíveis, cultural, político, profissional, familiar, e constantemente era apoiado por jornais e revistas, pois a modernização era essencial para o Brasil.

⁹⁴ SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2006. p. 71.

⁹⁵ MELLO, Maria Tereza Chaves. **NO OLHO DA RUA**. In: *A República Consentida: Cultura democrática e científica do final do Império*. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 2007

“- Falemos então do jornalismo, já que é preciso. O jornalismo foi sempre, no Brasil, político. (...) O jornal deixou de ser urna para ser...

- Para ser?

- ... Uma oficina. Tem sido para nossa literatura um grande bem relativamente. Como nunca teve a audácia para educar, aceita um trabalho, não pelo gênio do autor, mas sempre de acordo com o agrado do público. Às vezes é perverso.”⁹⁶

A modernização por mais que tenha trago todo um novo ideal com a discussão do debate político e a sua mudança, do político para o popular, além de levar todo o Brasil para a comparação as grandes cidades e países da Europa, trouxe a grande perda da Aurea com a automatização.

A produção da arte não chega a esta alegria, mesmo que a utilização da máquina de escrever para alguns a primeiro momento carregue um certo prazer indescritível e até mesmo uma prática majestosa, esta produção em massa em conjunto com a falta de sensibilidade que o período trás e o distanciamento com a obra, uma vez que a maior parte da população ainda não é letrada e absorve o conteúdo mais pelas imagens que o acompanham do que pelo o escrito, causa uma perda e uma falta de sentido.

Mesmo que a produção em massa da época possibilite o homem viver do que ele escreve, como já citado, a ausência do processo mais importante o trás importantes questionamentos intelectuais e se as suas habilidades eram necessárias e se transformavam a escrita, questionando assim o próprio jornalismo, João do Rio diz: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mal para a arte literária?”.⁹⁷

Embora estes homens de letra estivessem positivos com a modernização e com tudo o que ela representava, o questionamento sobre o que era o pensamento e a importância da escrita se era persistente em suas crônicas, mesmo que acompanhadas de figuras para sua melhor exemplificação, o que fazia persistir o sentimento de perda quanto ao que se foi produzido.

O autor se transformava em prisioneiro de seu próprio trabalho, principalmente quando se tornou possível viver dele, se antes ele via prazer em escrever uma crônica por seção ou apenas uma folha, agora se era necessário por sobrevivência escrever constantemente para

⁹⁶ SÜSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2006. p. 76.

⁹⁷ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. IMPRENSA A SERVIÇO DO PROGRESSO. In: História da Imprensa no Brasil. Martins, Ana Luza. LUCA, Tania Regina de. Parte II: Tempos Eufóricos da Imprensa Republicana. Editora Contexto. SP. Ed. 2. p.97.

manter seu lugar em determinado periódico, e nem sempre a escrever crônicas. Olavo Bilac já chegou a escrever poemas sobre recomendações para determinados tipos de remédio, e se transformar em um cativo daquilo que se produz sem de fato a vontade de se libertar.

Estes trabalhos começavam a não representar mais ninguém, já que nem o próprio escritor se reconhecia. As citações de Bilac demonstravam um homem completamente dinâmico no universo que vivia e produzia “escrever por escrever, é platonismo, que, como todos os platonismos, é inepto e ridículo.”⁹⁸

Houve movimentos contra essa modernização rápida e constante no meio de produções de jornais e revistas.

Lima Barreto, por conta própria lançou, seu próprio jornal, que apesar de não durar muito tempo, cerca de nove edições, tinha o objetivo de não apenas questionar a nova estrutura dos periódicos como também questionar a literatura da época, Floral era o nome e o jornal foi lançado em setembro de 1907 e sua publicação e distribuição foi de seu próprio dinheiro e sem nenhum financiamento em sua primeira página tem os seguintes dizeres:

“Sei também o quanto lhe é desfavorável o público, o nosso público, sábio ou não, letrado ou ignorante. Faltam-lhes nove, grandes nomes, desses que enchem o céu e a terra, vibram no éter imponderável, infelizmente não chegando a todos os cantos do Brasil; faltam-lhe desenhos, fotogravuras, retumbantes páginas a cores com chapadas em vermelho”⁹⁹

Nota-se que começa a existir uma oposição entre o artesanal e o técnico, entre o criar e o produzir em sua mais limitada forma de existir e muitos autores se perderiam nisto, mas chegariam a uma única conclusão, demorando mais ou menos tempo para tais lamentos.

Muitos fugiam para o interior ou tendiam a escrever sobre o interior para conseguir recuperar um pouco do que se havia perdido. Ou até mesmo tentavam retratar este novo homem que começava a existir e que o tempo era mera superficialidade contornado sempre pela “falta”. João do Rio escreveu “Vida ociosa” trabalhando a mudança do homem do campo para a cidade e como ele via esta mudança, Lima Barreto produziu seu próprio jornal para

⁹⁸ BILAC, Olavo. *Chronica. A Bruxa*, nº 90. Rio de Janeiro, janeiro de 1897. In: DIMAS, Antônio. Bilac, O Jornalista: crônicas v.2. op. Cit., p.47. *Apud*: SCHERER, MataE. D. ‘*Undorismo BelleÉpique*’.

⁹⁹ Primeira edição de Floral de Lima Barreto, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1907. OBS. As palavras foram mudadas para o português atual.

mostrar o quão incrédulo estava com a aceitação dos homens com esse novo cotidiano, onde nada se permitia sentir, Olavo Bilac trás críticas sobre o lugar deste novo jornal e a quem atinge e deixa de atingir com estes grandes números e poucos leitores.

Monteiro Lobato, é um entusiasta de toda essa modernização, se propôs a ficar na primeira parte do que toda a modernização permite a estes homens de letra, a possibilidade de criar um novo movimento político e trazer o avanço político ao Brasil:

“O poeta [...] é o refletor de todas as pulsações da vida universal, a condensação de todas as grandezas reais ou imaginárias, a harmonia arrancada da orquestração esparsa de todas as vozes do mundo, a intuição de todas as forças secretas que nos dirigem. É ele quem nos aponta, sobre a evocação de tudo que já de grande e belo no passado e as tempestades do futuro.”¹⁰⁰

A máquina de escrever, como já citado, se torna o principal sinal de modernismo para escritores, sempre vistas em propagandas em jornais e revistas, se torna com o tempo um dos principais sinais que a produção se torna cada vez mais frenética, sendo um objeto de fácil aquisição, ela se torna a “imagem de um paradigma” o misto de atração e temor, a industrialização da produção cultural e a tecnização da criação.

Enquanto Lima Barreto escrevia “Esta minha letra...” e outros reclamavam que agora a paixão, raiva, ironia se perdia pois tudo era igual ou até mesmo a ideia incabível de se escrever duas vezes a mesma coisa, segundo Lima Barreto, pois se escrever direto a máquina podia acarretar a “perder o contato com a ideia”, já Monteiro Lobato tinha uma outra perspectiva, passaria todas suas cartas a limpo e agora tudo o que lhe fosse produzido seria direto a máquina, o grande sinal da modernização em seu cotidiano.

¹⁰⁰ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. Ed. Companhia das Letras: São Paulo. 2ª Ed. 2003.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças tecnológicas que ocorreram durante os anos de 1880 – 1920 contribuíram para mudar todo um pensar sobre o Brasil e o que ele deveria ou não ser. Os homens letrados utilizaram de toda a sua influência diante a modernização da mídia para passar ao homem iletrado o que o país poderia ser no futuro, deixando para trás um Brasil colônia.

A essência do país estava se modificando e o homem iletrado queria não apenas conhecer, mas também, viver este moderno que estava se formando diante do mesmo, um grande êxodo rural ocorria e as capitais se viam transbordadas de pessoas.

Folhetins, jornais e revistas contribuíram de forma assídua para que homens e mulheres no Brasil não apenas vissem o que o mundo inteiro poderia oferecer como também, por meio do que os homens de letra escreviam, que desejassem ser como.

O homem comum era a peça essencial para toda e qualquer mudança que, para o intelectual, pudesse ocorrer sua aceitação era o primeiro passo para a grande mudança política que se era desejada, afinal, com esta mudança política é que de fato a liberdade poderia chegar a todos.

Utilizando da nova tecnologia para influenciar o homem iletrado a não apenas entrar no mundo político, mas também para estabelecer o pensar sobre as perspectivas positivistas quanto ao futuro, conseguindo assim a sua aceitação para o novo e seguir a narração do único movimento político possível: A Democracia.

A Belle Époque é exatamente este movimento do intelectual de letras utilizando de toda a tecnologia possível que absorvia a cidade e o seu meio de produção para trazer ao homem iletrado a vontade de, além de conhecer o mundo moderno, fazer parte e se tornar conhecedor de si mesmo.

A diversificação de seus movimentos literários, que diferenciam entre si mas que contém a mesma essência, o positivismo e o darwinismo, em conjunto com as produções de cada um desses intelectuais e as novas tipografias que apareciam na imprensa mostra o quão amplo ela é ao mesmo tempo que se é possível analisar a crítica pelo moderno em si só.

Construir o ideal de moderno ao seu início ser a coisa mais valiosa para a população brasileira e sua “hiper” valorização é o que a primeiro momento, em conjunto com a fotografia e até mesmo ao cinema, faz o povo não se questionar e acreditar que de fato era aquilo que se precisava para uma condição de vida melhor. O moderno era a significação de que o país estava crescendo e tendo fartura.

As circulações dos jornais e a sua nova estrutura graças as diversas tipografias, facilitava para o homem de letra não apenas fazer críticas ao governo como também para mostrar uma representação sobre o que ocorria no país em diversas instancias e em lugares.

O movimento literário ajuda a compreender um pouco da ordem e do sentimento que envolveu esses homens de letras além de que o acompanhamento da cidade em conjunto com o desenvolvimento das fotografias que supre a primeiro momento os seus objetivos e, a segundo, causa a agonia do distanciamento do que se produz fazendo com que o intelectual do meio da escrita se questione se são de fato são homens ou se são máquinas de pensar, escrever e falar.

A distância do se produz faz com que esses escritores se tornem, com o tempo, vazios de suas produções e os fazem questionar a quem e como estão produzindo, utilizando de crítica a mesma imagem que antes facilitava a alcançarem a maior parte da população iletrada ter a aceitação do seu, então, ideal político.

O modernismo entrando em conjunto com esta nova perspectiva política e sendo difundido pelos intelectuais, acaba fazendo o cidadão comum assimilar ele a coisas positivas, afinal a mudança na visualização da cidade era algo que só se era imaginado na Europa e o novo jornal, a nova revista era uma forma de se ter ele vívido não apenas nas novas fachadas de lojas ou nos asfaltos das ruas, mas também de carrega-lo em qualquer lugar do país.

Chegando até mesmo a utilizarem este homem marginalizado para a produção de suas obras literárias ou até mesmo para os conscientizar de que a República era o ambiente que eles poderiam, não apenas serem ouvidos pelas eleições, como também participarem de forma efetiva.

O lugar onde eles ocupam, o que eles vivem ou suas percepções sobre o Brasil eram discutidos e analisados por esses intelectuais que tinham o cuidado de olhar o ambiente ao seu redor e a percepção de sua vivência para saber o que eles precisavam, em suas obras eles deixavam de ser um simples personagem e começavam a se tornar um tipo de estudo. Eram o que a população brasileira representava.

Os literatos utilizaram muito bem desta perspectiva positivista e darwinista para fazer com que o homem iletrado acreditasse que a República não só iria começar a visualiza-los como uma parte essencial da população, deixando assim de ser marginalizado, como também iria dar a oportunidade de adquirir um espaço, possibilitando ascensão social.

O ritmo da nova cidade do Rio de Janeiro, acompanhava o tipo de literatura que se era produzida, que acompanhava o movimento político que por fim estava entrelaçado ao que o

homem iletrado fazia ou deixava de fazer neste novo mundo que estava diante de si e não era nada do que havia sido prometido, eles estavam sendo expulsos para as margens da cidade, em uma política higienistas e sendo ignorados pelo governo.

VI. FONTES

Gazeta de Notícias (1890 – 1909). Disponível em

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&PagFis=0>

Jornal do Brazil (1890 – 1920). Disponível em

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_01&pasta=ano%20189=>

Revista Kosmos (1900 - 1909). Disponível em

<[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=146420&pasta=ano%20190&=>](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=146420&pasta=ano%20190=&=>)

Revista Careta (1900 – 1929). Disponível em

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%20190&pesq=>>

Revista Ilustrada (1890 – 1899). Disponível em

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pasta=ano%20189&pesq=>>

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. Ed. Contexto. São Paulo. 2ª ed. 2013
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo. 2ª Ed. 2003.
- SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo. 1 Reimpressão. 2006.
- MELLO, Maria Tereza Chaves de. **A República Consentida: Cultura democrática e científica do final do Império**. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 1ª Ed. 2007.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo. 7ª Ed. 1998.
- BEJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica**. In: LIMA, Costa Luz. **Teoria da cultura de Massa**. Ed. Paz e Terra. São Paulo. 1ª Ed. 2000.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **A Indústria Cultural o Iluminismo como Mistificação de Massas**. In: LIMA, Costa Luz. **Teoria da cultura de Massa**. Ed. Paz e Terra. São Paulo. 1ª Ed. 2000.
- CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. Ed. EDUSP Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1ª Ed. 2009.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves. **Mídia e Memória: A Produção de Sentidos nos Meios de Comunicação**. Ed. MAUAD. Rio de Janeiro. 1ª Ed. 2007.
- COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz. **História e Literatura: Identidade e Fronteiras**. Ed. EDUFU. Uberlândia. 1ª Ed. 2006.
- GOMES, Angela de Castro. **A Política Brasileira em Busca da Modernidade na Fronteira entre o público e o privado**. In: Org. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida privada no Brasil**, vol. 4. Ed. Companhia das Letras. 1ª Ed. 1998.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. **A História Contada: Capítulos de História Social da Literatura no Brasil**. Ed. Nova Fronteira. 1ª Ed. 1998.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **A IMPRENSA COMO FONTE PARA HISTÓRIA DO BRASIL**. In: PAULA, Eurípedes Simões de. **Portos, Rotas e Comércio**. São Paulo. 1971.
- LIMA, Ivana Stolze. **Com a palavra, a cidade mestiça: Imprensa, política e identidade no Rio de Janeiro, 1831 – 1833**. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 1998.

- LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: Org. PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Histórias. São Paulo. Ed. Contexto, 2005.
- SCHERER, Marta Eymael Garcia. **Bilac – Sem Poesia: Crônicas de um jornalista da Belle Époque**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- MENDES, Iba. **Olavo Bilac: Crônicas e Novelas**. Poeteiro Editor Digital, São Paulo, 2014..
- NUNES, Radamés Vieira. Literatura e Imprensa: Barreto e Bilac entre a Arte e Ofício. **Emblemas**, Goiás, v. 8, n. 2, p.201-226, jul. 2011. Semestral. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/emblemas>>. Acesso em: 12 jun. 2019.
- MONTILHA, Thiago Roza Ialdo. **Olavo Bilac e a Questão da Instrução no Brasil (1897 – 1908)**. Intellèctus, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 1, p. 57 – 76. 2015.
- NUNES, Radamés Vieira. Crônicas e Cronistas no Ritmo das Máquinas. **Emblemas**, Goiás, v. 9, n. 1, p.129-145, jan. 2012. Semestral. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/emblemas>>. Acesso em: 12 jun. 2019.
- SILVA, Renata Refino da. **Monteiro Lobato e a Revista do Brasil (1916 – 1925). Representações de Ciência, Literatura, Arte e História**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo, julho, 2011.
- SILVA, Maurício. **Literatura e Publicidade no Pré-Modernismo Brasileiro: Uma Introdução**. Crítica Cultural, Santa Catarina, v. 1., n.1, jan. Semestral, 2006.
- SILVA, Danyelle Marques Freire da. **A Constituição do Espaço em Vida Ociosa, de Godofredo Rangel**. UninCor – Universidade Vale do Rio Verde. Três Corações, 2013.
- SILVA, Maurício. **Profissionalização do Escritor e Publicidade Editorial: Dois Capítulos da Leitura Pré-Modernista no Brasil**. Magma, São Paulo. n. 6, p. 66 – 77. 1999.
- BECKER, Elizamari Rodrigues. **Forças Motrizes de uma Contística Pré-Modernista: O Papel da Tradução na Obra Ficcional de Monteiro Lobato**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- ARAÚJO, Jean Marcel Oliveira. **O Pré-Modernismo: A luta entre passadistas, modernos e modernistas no campo artístico brasileiro**. Pensares em Revista, São Gonçalo – RJ, n. 1, p. 117 – 134, jul. semestral, 2012.
- GUIMARÃES, Fernando. **Simbolismo, Modernismo e Vanguardas**. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 3ª Ed, Rio de Janeiro, 2004.
- VELLOSO, Mônica. **A Modernidade Carioca na Sua Vertente Humorística**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. v. 8, n. 16, p. 269-278, 1995.

MORAES, Eduardo Jardim. **Modernismo Revisitado**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. v. 1, n. 2, p. 220 – 238. 1988.

STRELOW, Aline. **Jornalismo literário e cultural: Perspectiva Histórica**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em < www.bocc.ubi.pt >

RAMOS, Gabriela. **A Crônica como Interseção entre jornalismo e literatura**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares das Comunicação. XVII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste. Ouro Preto. 2012.

SCHERER, Marta E. G. **Um Jornalismo Belle Époque**. In: SCHERER, Marta E. G. **Imprensa e Belle Époque** - Olavo Bilac, o jornalismo e suas histórias. Ed. Unisul: Palhoça,SC, 2012.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Nelson Werneck Sodré e a história da imprensa no Brasil. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, [s.l.], v. 38, n. 2, p.275-288, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/1809-58442015214>>

SILVA, Maurício. **Cultura de Mercado: Literatura e Publicidade no pré-modernismo brasileiro**. Via Atlântica. São Paulo. n, 20, p. 75 – 87. dez. 2011.

VIANNA, Rafael de Brito. **Os Renegados da História: A importância dos pré-modernos para o pensamento nacional**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. v. 3, n. 5, p. 127 – 131. Jul. 2011.

BEAL, Sophia. **A Transformação das Trevas na Literatura Pré-Modernista**. Pensares em Revista, São Gonçalo, Rio de Janeiro, n. 1, p. 76 -91. jul. Semestral, 2012.

LINS, Vera Lucia de Oliveira. **Os simbolistas: Virando o Século**. Pensares em Revista, São Gonçalo, Rio de Janeiro, n. 1, p. 135 - 143. Jul. Semestral, 2012.

BATALHA, Maria Cristina. **Lima Barreto e o viés do realismo popular na literatura brasileira**. Pensares em Revista, São Gonçalo, Rio de Janeiro, n. 1, p. 51 - 65. Jul. Semestral, 2012.

FIGUEIREDO, Carmen Lucia Negreiros. **O Mal-estar de Isaías: A crise do Romance em Lima Barreto**. Pensares em Revista, São Gonçalo, Rio de Janeiro, n. 1, p. 35 - 50. Jul. Semestral, 2012.

GENS, Rosa. **Retratos em Cantoneiras: Imagens do Rio de Janeiro Belle Époque em João do Rio e Lima Barreto**. Pensares em Revista, São Gonçalo, Rio de Janeiro, n. 1, p. 66 - 75. jul. Semestral, 2012.

MENDES, Leonardo Pinto. **Júlio Ribeiro, O Naturalismo e a Dessacralização da Literatura**. Pensares em Revista, São Gonçalo, Rio de Janeiro, n. 4, p. 26 - 42. jul. Semestral, 2014.

RIO, João do. **Cinematógrafo: Crônicas Cariocas**. Academia Brasileira de Letras – Coleção Afrânio Peixoto, Rio de Janeiro. 2009.

ZANON, Maria Cecília. **A Sociedade Carioca da Belle Époque nas páginas do Fon-Fon!**. Patrimônio e Memória. São Paulo. v. 4, n 2, p – 217 – 235, jun, 2009.

DOIN, José Evaldo de Mello; NETO, Humberto Perinelli; PAZIANI, Rodrigo Ribeiro; PACANO, Fábio Augusto. **A Belle Époque caipira: Problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852 – 1930) – A proposta do Cemumc**. Revista Brasileira de História. São Paulo. v. 27, n. 53, p. 91 – 122. Jun. 2007.

NOGUERIA, Clara Asperti. **Revista Carets (1908 – 1922): Símbolo da Modernização Imprensa no Século XX**. Miscelânea. Assis. v. 8, p. 60 – 80. jul. 2010.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1ª Ed. 1990. Disponível em < <http://www.cpdoc.fgv.br>>.

VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha e a República**. Área de História Cultural. USP, 29 de abril de 1994.

MIGLIARI, Wellington. **Pré-Modernismo e República: Antinomias da Belle Époque no Brasil**. Pensares em Revista, São Gonçalo, Rio de Janeiro, n. 1, p. 186 - 202. jul. Semestral, 2012.

NEVES, Margarida de Souza. **Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX**. In: NEVES, M. de S.: Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge Luís (Orgs.). Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930. 1a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

SANTANA, João Rodrigo Araújo. **A Modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (1890 – 1908)**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, abril de 2013.

HALLER, Joyce Uemoto. **Monteiro Lobato: Literatura como expressão do contexto (1890-1930)**. Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2012.